



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCHT  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA**

**ELIZÂNGELA SILVA BARROS RIOS  
PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS**

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DO INSTITUTO EDUCACIONAL SÃO FRANCISCO  
DE ASSIS - IESFA**

Jacobina - BA

2017

**ELIZÂNGELA SILVA BARROS RIOS**  
**PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS**

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DO INSTITUTO EDUCACIONAL SÃO FRANCISCO  
DE ASSIS - IESFA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras Vernáculas, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina-Ba.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Crizeide Miranda Freire

Jacobina - BA

2017

**ELIZÂNGELA SILVA BARROS RIOS**  
**PATRÍCIA FERREIRA DOS SANTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV Jacobina-Ba.

Orientadora: Professora Ma. Crizeide Miranda Freire

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Crizeide Miranda Freire**

Mestra em Educação (UNEB)

(Orientadora)

---

**Professora Girleide Ribeiro Santos**

Mestra em Estudos Linguísticos (UEFS)

---

**Professora Márcia Regina Mendes**

Mestra em Linguística Educacional (FLUL)

Jacobina - BA

2017

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos este trabalho à Deus, nossa razão de viver, aos nossos familiares, amigos e professores pela compreensão e companheirismo, por terem motivado nossa aprendizagem.

“Aprender a ler, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manifestação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

*Paulo Freire*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus e, a Nossa Senhora por serem meu refúgio e fortaleza, luz em meu caminho, sempre direcionando os meus passos e, me reerguendo nos momentos mais difíceis. A minha mãe Juzelia pelo apoio e carinho durante essa jornada. A minha irmã Elizelma Souza pelo incentivo. Ao meu esposo Bonny Rios pela paciência e compreensão, pois mesmo estando distante, sempre me apoiou e incentivou para que seguisse em frente. A minha professora orientadora Crizeide Freire pela competência, paciência, dedicação e, por cada sugestão dada no decorrer dos estudos que tanto contribuiu para a realização deste trabalho. Aos professores e alunos das séries finais do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, que colaboraram com essa pesquisa. A professora de TCC Luciana de Araújo pelo comprometimento com a disciplina. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram com essa pesquisa, minha gratidão.

Elizângela Silva Barros Rios

Agradeço a Deus por ter me concedido forças para encarar todas as dificuldades e, que no decorrer dessa jornada permitiu-me conhecer pessoas muito especiais. A minha família, principalmente a minha mãe e a minha irmã que sempre me deram apoio, carinho e incentivo durante essa trajetória. As minhas amigas Shirley e Fátima, que sempre estiveram ao meu lado desde o início desse percurso. Agradeço aos amigos que conquistei nessa jornada incluindo a minha parceira de trabalho Elizângela Rios, que me ajudou a chegar até aqui. Aos meus colegas de turma pelos momentos de descontração que passamos juntos. Agradeço aos professores que colaboraram com a minha formação acadêmica, enfim, a todos que de alguma forma torceram para que essa etapa fosse concluída, muito obrigado!

Patrícia Ferreira dos Santos

## RESUMO

O presente estudo buscou identificar as práticas de letramento promovidas pelos professores de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental II. A pesquisa que deu origem a este trabalho foi desenvolvida no Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, situado na cidade de Várzea do Poço, interior da Bahia. Os fundamentos teóricos que embasam este texto foram construídos a partir da obra de autores como Kleiman (2000); Mortatti (2004); PCN's (1997); Rojo (2009); Soares (1998, 2002, 2003, 2004), entre outros. A abordagem metodológica utilizada baseou-se na pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso, onde os dados foram coletados por meio de observações, questionários, e teve como sujeitos da pesquisa três professores e dezessete alunos da escola acima mencionada. Diante deste estudo e, a partir da análise dos dados coletados, verificamos que os professores trabalham com alguns gêneros textuais, mas os mesmos ainda não são muito explorados, precisa de um maior aprofundamento, na maioria das vezes o texto é utilizado como pretexto para ensinar a gramática normativa, dessa forma, a metodologia utilizada pelos docentes não contribui para promover níveis mais avançados de letramento. No entanto, um dos maiores desafios que a escola precisa enfrentar é proporcionar condições ao sujeito de participar efetivamente de práticas de letramento, direcioná-lo para a formação do cidadão participativo, consciente de seu papel na sociedade, de modo que responda às exigências para inserir-se no mundo letrado.

**PALAVRAS CHAVE:** Letramento; Alfabetização; Leitura; Escrita; Práticas Pedagógicas.

## ABSTRACT

The present study sought to identify the literacy practices promoted by Portuguese Language teachers in the final years of Elementary School II. The research that gave rise to this work was developed at the Instituto Educacional São Francisco de Assis - IESFA, located in the city of Várzea do Poço, in the interior region of Bahia. The theoretical foundations underlying this text were constructed from the work of authors such as Kleiman (2000); Mortatti (2004); PCN's (1997); Red (2009); Soares (1998, 2002, 2003, 2004), among others. The methodological approach used was based on qualitative research, through a case study, where the data were collected through observations, questionnaires, and had as subjects of the research three teachers and seventeen students of the school mentioned above. Faced with this study, and from the analysis of the data collected, we found that teachers work with some textual genres, but they are not yet much explored, they need to go further on their study, most of the time the text is used as a pretext to teach normative grammar, thus, the methodology used by teachers does not contribute to promote more advanced levels of literacy. However, one of the biggest challenges that the school must face is to provide conditions for the individual to participate effectively in literacy practices, in order to direct him towards the formation of the participatory citizen, aware of his role in society, so that he responds to the requirements to insert in the literate world.

**KEYWORDS:** Literature; Literacy; Reading; Writing; Pedagogical practices.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**AL** – Análise Linguística

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**FUNDEB** – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

**FUNDESCOLA** - Fundo de Desenvolvimento da Escola

**IESFA** – Instituto Educacional São Francisco de Assis

**MSN** – Rede de Serviços da Microsoft

**NLS** – Novos Estudos do Letramento

**PCN's** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PDDE** – Programa Dinheiro Direto na Escola

**PDE** – Plano de Desenvolvimento da Educação

**PME** – Plano de Melhoria da Educação

**PIBID** – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**SMS** – Serviço de Mensagens Curtas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 LETRAMENTO: UMA PRÁTICA PARA ALÉM DE LER E ESCREVER.....</b>	<b>14</b>
1.1 Concepções de letramento e sua relação com a alfabetização .....	14
1.1.2 Eventos e práticas de Letramento.....	24
1.2 Leitura e escrita: bases para o letramento.....	28
1.3 Os gêneros textuais como suporte para o letramento.....	32
<b>2 IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LETRADO .....</b>	<b>38</b>
2.1 Formação docente: início de uma prática continuada .....	39
2.2 Importância do planejamento na formação do sujeito letrado.....	46
<b>3 O DECURSO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA .....</b>	<b>53</b>
3.1 Pressupostos teórico-metodológicos .....	53
3.2 Procedimentos metodológicos .....	56
3.3 Caracterização do locus da pesquisa .....	59
3.4 Os sujeitos da pesquisa .....	61
3.5 Análise de dados.....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, desde o período da alfabetização até chegar ao Ensino Médio a leitura e a escrita foram trabalhadas de forma mecânica e fragmentada através da codificação e decodificação dos sinais gráficos. A escola tinha como principal objetivo transmitir os conhecimentos e os alunos recebiam, passivamente, sem direito a se expressar e interagir mediante as informações encontradas no ambiente escolar. Dessa forma, além da decifração dos códigos linguísticos, percebeu-se a importância de possibilitar aos alunos se apropriarem da leitura e escrita, utilizando-as em suas práticas sociais, favorecendo o letramento dos mesmos.

Nos últimos anos com a globalização e o avanço das novas tecnologias, o mundo sofreu grandes transformações, a sociedade tornou-se cada vez mais letrada, as informações passaram a circular de forma acelerada através dos variados meios de comunicação e, a acessibilidade a esses meios está cada vez mais facilitada, uma vez que as pessoas adquirem o conhecimento não apenas no espaço escolar. No entanto, ser alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever já não é mais suficiente para atender as exigências do mundo contemporâneo, assim da urgência de atribuir um novo significado para a leitura e escrita, separando-os do processo inicial de aquisição, é que começa a surgir os estudos sobre as práticas de letramento com a finalidade de tornar o ato de ler e escrever mais dinâmico e significativo.

O mundo moderno exige das pessoas o domínio de uma multiplicidade de competências para sua inserção no mercado de trabalho e na sociedade, fazendo-se necessário que a escola possibilite aos alunos construir o próprio conhecimento por meio de diversas situações de interação com o objeto de estudo. Dessa forma, poderão utilizar o aprendizado adquirido não só na sala de aula para serem avaliados, mas também fora do contexto escolar, empregando no seu cotidiano, em seu benefício, ao expressar e comunicar-se em um determinado contexto cultural, ou seja, em suas práticas sociais.

Pensando em tornar os alunos letrados é fundamental que o professor leve para a sala de aula uma diversidade de gêneros textuais que circulem socialmente e, que estejam voltados para a realidade dos educandos, levando em consideração o conhecimento de mundo que os mesmos carregam consigo, assim sentirão mais facilidade para compreender os conteúdos apresentados, desse modo, poderão se expressar relacionando as informações ao contexto social e cultural que estão inseridos.

A presente pesquisa intitulada de “Práticas de Letramento nas séries finais do Ensino Fundamental do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA”, nasceu de nossas

inquietações enquanto alunas do Curso de Letras Vernáculas e são resultados de nossas primeiras implicações diante das ações formativas que são oriundas de Estágio I e II respectivamente. Por acreditarmos no processo de leitura e escrita enquanto comprometimento social procuramos investigar a metodologia de ensino utilizada pelos professores das séries finais do Ensino Fundamental da escola acima mencionada, uma instituição da rede municipal de ensino do município de Várzea do Poço, situado à aproximadamente 300 km da Capital da Bahia.

Os alunos em sua rotina diária estão em contato com as novas tecnologias o tempo todo, muitos deles possuem tablets, celulares de última geração que contém vários aplicativos e funções. Pensando no desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa, o professor precisa utilizar em suas aulas esses instrumentos que estão acessíveis no cotidiano dos educandos e que podem auxiliá-los em seu aprendizado. Mas, mesmo sabendo da importância de inovar as práticas pedagógicas, através de textos atuais, como também de levar as novas tecnologias para a sala de aula, muitas escolas ainda continuam insistindo em um ensino tradicional, descontextualizado, desvinculado do cotidiano dos alunos, onde estes não podem participar da construção do próprio conhecimento.

Este trabalho se estrutura no contexto dessas preocupações e pretende contribuir para a discussão sobre as práticas de leitura e escrita no que diz respeito à formação de sujeitos letrados, capazes de intervir e transformar a sociedade em que vivem. Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral: Identificar as práticas de letramento promovidas pelos professores de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos pretende-se investigar se as práticas de leitura e escrita acontecem com sentido e significado; Analisar se existe uma interação constante e significativa dos alunos com os diferentes suportes e gêneros textuais nas práticas de leitura e oralidade; Identificar se as práticas de leitura e escrita utilizadas pelos professores das séries finais do Ensino Fundamental promovem o letramento; Verificar se as atividades propostas habilitam os alunos a usar a leitura e escrita em diferentes atividades comunicativas; Compreender se o aprendizado é mediado através de processos interativos; Analisar os níveis de letramento dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Esses objetivos nos levaram a relatar e refletir sobre a ênfase dada as práticas de leitura e escrita relacionadas ao letramento nas práticas pedagógicas dos docentes.

Com a finalidade de conhecer o desempenho do espaço escolar, durante o estudo optamos pelos turnos matutino e vespertino, pois os mesmos atendem uma maior quantidade das séries que pretendíamos pesquisar. A escolha desta escola ocorreu pelo fato de ser a única

na cidade que tem turmas das séries finais do Ensino Fundamental, existe uma outra instituição de ensino, mas atende apenas turmas do Ensino Médio. Elegemos como colaboradores dessa pesquisa 03 professores e 17 alunos, perfazendo um total de 10% dos educandos das turmas pesquisadas.

Dessa forma, do enfoque da abordagem do problema estabeleceu-se este estudo como uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico e, o tipo de pesquisa que melhor determinou esta investigação foi o estudo de caso.

Para uma melhor estruturação este estudo foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, **LETRAMENTOS: UMA PRÁTICA PARA ALÉM DE LER E ESCREVER**, apresentamos concepções de letramento e sua relação com a alfabetização, mostrando que são duas ações distintas, mas ao mesmo tempo indissociáveis. Em seguida discutimos sobre os eventos e práticas de letramento em diferentes contextos da vida. Depois apresentamos conceitos de leitura e escrita, dialogando com o letramento. Finalmente propomos uma discussão sobre os gêneros discursivos/textuais, como responsáveis pelas ações comunicativas dos indivíduos. Esta reflexão fundamenta-se em alguns autores como Antunes (2003); Bezerra (2005); Brasil (1998); Brandão (1994); Cagliari (1993); Freire, P., (1997, 1980, 1984, 2005); Geraldi (1991, 1997); Heath (1982); Kleiman (2000); Leite (2004, 2010); Marcuschi (2002, 2005, 2008); Mortatti (2004); Rojo (2009); Soares (1998, 2002, 2003, 2004); Street (2003), entre outros.

No segundo capítulo **IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LETRADO**, discutimos sobre a formação docente que se inicia nos cursos de licenciatura e deve ter continuidade através de cursos e especializações. Em seguida abordamos a importância do planejamento na formação do sujeito letrado, pois o professor precisa inserir em seu plano de aula atividades significativas que favoreçam o letramento dos alunos. Para fundamentar este capítulo, utilizamos como referência as ideias de autores como D'ávila (2007); Freire (1991, 1996, 1989); Geraldi (1984, 2006); Gomes (2009); Guimarães (2013); Libâneo (1994, 2011); Martins (1996); Mendonça (2006); Menegola e Santana (2001); Pimenta e Anastasiou (2002); PCN,s (1997); Freire, C., (2013); Rodrigues e Esteves (1993); Santos (2002); Santos (2015); Tardif (2000, 2005), entre outros.

No terceiro capítulo, **O DECURSO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA**, esclarecemos os aspectos relacionados à metodologia. Iniciamos indicando a natureza da pesquisa, as técnicas utilizadas para produção e análise de dados. Em seguida, apresentamos a caracterização do lócus da pesquisa, depois apresentamos os sujeitos participantes e ao final analisamos os dados gerados a partir dos questionários respondidos

pelos professores e alunos e, das observações. A base teórica que fundamenta as discussões abordadas é composta por autores tais como Bardin (2011); Freire (2003); Geraldi (1993); Gil (2007); Given (2008); Godoy (1995); Good e Hatt (1973); Minayo (1994, 2007); Moroz e Gianfaldoni (2006); Oliveira (1997); Ouchi (2000); Pádua (1996); PCN,s (1998); Pardal e Martins (2005); Silva e Menezes (2005); Yin (2009, 2010).

Por fim, tem-se as considerações finais, nas quais são retomados os elementos fundamentais da pesquisa, abordados durante o estudo, alguns resultados relacionados as práticas pedagógicas dos professores das séries finais do Ensino Fundamental, verificando se os objetivos propostos foram alcançados.

Entende-se que o processo de leitura e escrita deve ser compreendido como prática transformadora, uma ferramenta indispensável para a construção do conhecimento. Os professores precisam criar condições para que os alunos utilizem essas habilidades em suas práticas sociais de forma consciente e crítica, refletindo sobre o mundo que os cerca, tornando-se preparados para agir com autonomia na sociedade letrada.

## **1 LETRAMENTOS: UMA PRÁTICA PARA ALÉM DE LER E ESCREVER**

Neste capítulo, discutiremos sobre as práticas de leitura e escrita na perspectiva do letramento, pois no mundo contemporâneo, saber ler e escrever, ou seja, ser alfabetizado, já não é mais suficiente para atender às exigências da sociedade. Salienta-se que o letramento inclui diferentes formas de leitura, a começar pela leitura de mundo e se estende para os diferentes usos do ler, em variados lugares e contextos.

O principal propósito do letramento é buscar uma educação mais significativa, é pensar em uma alfabetização que vá além do decodificar sons e letras, que possibilite ao indivíduo tornar-se sujeito da sua própria história, posicionando-se com senso crítico frente às discussões que veiculam socialmente, para que se coloquem como sujeito atuante na sociedade. Assim, ao adquirir conhecimentos linguísticos poderá apropriar-se dessas informações para interagir no meio letrado e dessa forma fazer uso da leitura e escrita de modo competente, tanto no âmbito individual como social.

Este capítulo se subdivide em quatro seções: concepções de letramento e sua relação com a alfabetização, mostrando que são duas ações distintas, mas ao mesmo tempo indissociáveis, que devem ser trabalhadas conjuntamente. Eventos e práticas de letramento, em que serão abordados a partir de uma perspectiva conjunta e correlacionados na dimensão de ações letradas em diferentes contextos da vida. Leitura e escrita, discutimos de modo a dialogarem e efetivarem intersecção com o letramento, em que, estas duas concepções se trabalhadas de forma contextualizada atribuem significado para a vida dos alunos proporcionando-os tornarem-se sujeitos letrados e preparados para intervir nas discussões veiculadas na sociedade. Gêneros discursivos/textuais como elementos que respaldam práticas de leitura e escrita na direção do letramento, pois estes, são representativos das ações comunicativas dos indivíduos.

### **1.1 Concepções de letramento e sua relação com a alfabetização**

Durante muitos anos as práticas escolares foram baseadas unicamente na codificação e decodificação, o que era lido e escrito não precisava ser interpretado e compreendido, o professor não se preocupava em levar o aluno a pensar e refletir. A leitura e a escrita encontravam-se completamente afastadas das funções comunicativas e significativas dos atos de ler e escrever, ou seja, o aluno era apenas alfabetizado.

Atualmente um dos maiores desafios enfrentados nas escolas é levar os alunos, tanto crianças como adultos a envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita, onde possam interagir com ambas as habilidades dentro e fora do contexto escolar, tornando-se capazes de atender as exigências atuais da sociedade e, assim possam fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais.

Soares (2004) ressalta que, considerava-se analfabeto o indivíduo que não tinha capacidade de escrever o seu próprio nome, mas nas últimas décadas é a resposta à pergunta “sabe ler e escrever um bilhete simples?” que indica se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado. Ou seja, da investigação de simplesmente saber codificar o próprio nome passou-se à investigação da capacidade de fazer uso da leitura e escrita para uma prática social, ler ou escrever um “bilhete simples”. Apesar dessa prática ainda ser bastante limitada, já se percebe a busca de um “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, mais que a investigação da simples presença da capacidade de codificar em língua escrita, já se torna evidente a tentativa de avaliação do nível de letramento, e não apenas a avaliação da presença ou ausência da “tecnologia” do ler e escrever.

Segundo Soares (2004) a palavra *literacy* origina-se do latim *littera* (letra), com o sufixo *cy*, que significa condição, estado. Do mesmo modo ocorre com a palavra *innocency*, ela é apresentada como a qualidade ou condição de ser inocente, assim, a autora afirma:

Literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2004, p. 17).

Quando uma pessoa aprende a ler e escrever, torna-se alfabetizada e, assim, passa a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, social e culturalmente essa pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta. Ocorre uma transformação e isso não quer dizer que ela vá mudar de classe social, mas, melhora a sua linguagem, o seu raciocínio, sua relação com os outros e, poderá interagir melhor na sociedade em que está inserido, opinando e questionando, tornando-se um ser crítico e reflexivo. A essas mudanças que o indivíduo ou o grupo social passam a ter em seu “estado” ou “condição” é nomeado de *literacy*.

Durante muitos anos ouvimos falar a respeito do termo “analfabeto”, que não se trata apenas daquele que não sabe ler e escrever, mas aquele que fica à margem e não consegue desempenhar seu papel de cidadão na sociedade. Segundo Soares (op. cit., p. 19) “novas palavras são criadas ou a velhas palavras dá-se um novo sentido, quando emergem novos

fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos”. Antes só havia certa preocupação com o analfabetismo e mesmo este tendo se tornado um grande problema, ainda demorou a perceber esta outra realidade, ou seja, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever e, por isso, o termo analfabetismo nos bastava, o seu oposto – alfabetismo ou letramento – não nos era necessário”. (Soares, *op.cit.*, p. 20).

Esse novo termo surgiu recentemente, pois passaram a perceber a necessidade dessa nova realidade social, onde não basta simplesmente saber ler e escrever, é fundamental também apropriar-se da leitura e da escrita respondendo as exigências da sociedade, dessa forma, surgiu o termo letramento que vem sendo usado em detrimento do termo alfabetismo.

O vocábulo letramento apareceu no mundo contemporâneo para completar a concepção de alfabetização, já que esta não é mais suficiente, tornou-se precária para atender às expectativas de uma sociedade letrada, onde as informações estão em todos os lugares. Estava faltando algo que tornasse as práticas pedagógicas mais prazerosas e contextualizadas, no entanto, a noção de letramento ficou associada ao desenvolvimento social, econômico e cultural da população.

Com o passar dos anos percebeu-se a necessidade de outros termos, ou seja, o oposto de analfabetismo “alfabetismo ou letramento”. Nos dias atuais, ser alfabetizado, saber ler e escrever de forma mecânica, decodificando sons e letras, tem se mostrado insatisfatório para corresponder às exigências da sociedade. É fundamental que os alunos leiam e compreendam os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Como afirma Leite (2010),

O termo letramento refere-se aos usos sociais da escrita, ou, em outras palavras, ao envolvimento dos indivíduos com as práticas sociais de leitura e escrita, o que supõe competência de leitura e escrita dos diversos gêneros textuais em função dos diferentes objetivos e demandas sociais (LEITE, 2010, p. 29).

Letramento é o uso da leitura e da escrita para as suas utilidades do cotidiano, para se orientar e não apenas dominar o código escrito, mas é preciso ler e compreender o que leu. Através da leitura de diversos gêneros textuais, os alunos poderão ser estimulados a desenvolver o pensamento crítico, tornar-se leitores e escritores competentes, de uma forma que possa atuar na sociedade como sujeitos pensantes e questionadores.

Conforme Soares, no Brasil, a primeira vez que o termo letramento surgiu foi no ano de 1986, no livro de Mary Kato, em que a autora esclarece que um dos papéis da escola, é inserir a criança no mundo da escrita, tornando-a um indivíduo funcionalmente letrado: “[...]”

um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual, de crescer cognitivamente e para atender as demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem”. (SOARES, 2003, p. 15). Portanto, o letramento está completamente associado à língua e mais ainda as práticas sociais, pois no mundo letrado que se estabelece através da escrita, a cultura é transmitida por meio da mesma, prestigiando significativamente o ler e o escrever. Fica explícito que para tornar-se um cidadão consciente de seus direitos e deveres, é preciso estar inserido no mundo da cultura escrita.

Soares traz a seguinte noção para o letramento:

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido (SOARES, 2004, p. 43).

Letramento é usar a escrita para compreender o mundo que o cerca, para saber se expressar nas diversas situações comunicativas. Mas, para que isso ocorra é preciso entender que ler e escrever não são atos mecânicos de decodificação, é fundamental que o professor desde a Educação Infantil favoreça aos alunos possibilidades para torná-los letrados, levando-os para a sala de aula uma diversidade de gêneros textuais, de modo que aumente as experiências das crianças, para que a leitura e a escrita tenham significado e, assim, possam produzir diferentes textos com autonomia. Nessa noção trazida por Soares, o leitor precisa ter a escrita em sua vida social como parte integrante da sua rotina, uma vez que, essa habilidade não deve ser utilizada apenas para cumprir as exigências da escola.

Podemos perceber que o conceito de letramento é muito extenso, pois devido às mudanças sociais que ocorreram em nossa sociedade com os avanços das novas tecnologias e as novas exigências em relação às habilidades do ato de ler e escrever, esse termo vem passando por redefinições. Nesse sentido, Rojo (2009) ressalta os letramentos múltiplos, pois, eles ocorrem através de uma grande variedade de práticas culturais e sociais de leitura e escrita que encontramos na sociedade contemporânea, visto que, muito além de letramento ou letramentos, o termo que melhor abrange essa diversidade é “letramentos múltiplos”. Soares concorda com essa ideia ao explicar que letramento é,

O estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz e telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. (SOARES, 1998, p. 26)

Fica explícito, o quão amplo é o conceito de letramento. Enquanto a alfabetização se dá através da aquisição da leitura e da escrita, como um processo acabado, o letramento é bem diferente, pois, este é um processo continuado e ilimitado. No entanto, à medida que vamos tendo contato com variados gêneros textuais, que apresentam diferentes âmbitos discursivos, nos familiarizamos e dominamos diversas situações comunicativas, assim, aumentamos o nível de letramento.

Diante do exposto, é preciso pensar em letramento (plural) devido às diversas situações que abrangem o fazer social. A pluralidade refere-se às diferentes perspectivas do letramento que surge com a globalização e que vem encontrando espaço no universo brasileiro. As práticas de leitura ultrapassam a cultura do papel e, de acordo Soares (2002), se estendem para o espaço da cibercultura, meios eletrônicos, encarregados de trazer diversificadas tecnologias que, conseqüentemente exigem a criação de diferentes letramentos. Desse modo, os variados espaços de escrita e diversos instrumentos de produção, reprodução e alastramento da escrita resultam em uma grande diversidade de letramentos.

Freire C., (2013) afirma que,

O acesso a informação torna-se cada vez mais ilimitado, numa velocidade de vários gigabytes por segundo, numa dimensão multimidiática, com links por todos os lados reforçando que é possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar efetivamente das práticas discursivas de letramentos existentes em uma sociedade (FREIRE C., 2013, p. 89).

Em uma sociedade letrada como a nossa, onde as informações chegam rapidamente através das redes sociais, da internet e de variados meios de comunicação, podemos dizer que a população em geral, mesmo aquelas pessoas que não são escolarizadas, ou seja, analfabetas participam de práticas de letramento, pois as novas tecnologias estão cada vez mais acessíveis, uma vez que, encontra-se uma grande quantidade de gêneros espalhados na sociedade e que fazem parte da vida de qualquer cidadão. Fica evidente a importância de valorizar o conhecimento de mundo que as pessoas carregam consigo, pois sabemos que a escola não é o único lugar onde se adquire o conhecimento.

Dessa forma, à medida que vamos participando de diferentes práticas sociais, vamos sentindo a necessidade de usar a língua escrita de diferentes maneiras, assim surgem as expressões letramento acadêmico, letramento midiático, letramento digital, entre outros. Segundo Rojo (2009, p. 105) “podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas últimas duas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, [...] O surgimento e a ampliação contínua de acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação”. Se as atividades humanas são variadas, as práticas sociais que envolvem o uso

da escrita também o são. Portanto, o letramento que se aprende na escola é apenas um letramento em meio a tantos outros.

Ainda, no que diz respeito à concepção de Letramento, Rojo (2009) afirma que:

O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Fica explícito que os letramentos múltiplos abrangem as diversas práticas de leitura e escrita existentes na sociedade, sejam elas realizadas no contexto escolar ou fora dele, sejam locais ou globais, prestigiados ou desprestigiados. É uma prática que se manifesta nas mais variadas situações, nos diversos espaços e em diferentes atividades que as pessoas realizam, seu sentido muda de acordo o contexto social, cultural e político de cada população. Abrange também, as exigências da sociedade contemporânea, em relação às novas formas de utilizar a leitura e a escrita e, ainda, as múltiplas linguagens que atualmente estão sendo incorporadas aos textos, os quais temos acesso.

Mortatti (2004) ressalta que as mais novas perspectivas de abordagem do letramento em países de língua inglesa, também incluídas em estudos de autores brasileiros, vem enfatizando entre os novos mecanismos de análise, temos dois modelos de letramento, o “modelo autônomo” em confronto com o “modelo ideológico”. Ainda segundo a autora, no modelo autônomo destaca-se a dimensão individual do letramento considerando as atividades de leitura e escrita como neutras, um produto completo em si mesmo, que não depende do contexto de sua produção para ser compreendido. No modelo ideológico destaca-se a dimensão social do letramento, no qual aponta variadas interpretações, em que o conceito de letramento se comprova pela urgência de práticas sociais de leitura e escrita para o desempenho da sociedade.

Segundo Leite (2004, p. 82) “o modelo autônomo de letramento, diz respeito à interpretação, tão comum na escola, da escrita como um sistema independente”. Aquilo que o aluno escreve, é visto como uma única interpretação, é apenas o que foi anotado no papel. A escrita fica paralisada e equivocada com a própria norma culta, não há uma reflexão e compreensão sobre a mesma, assim a aprendizagem não ocorre e os alunos são tidos como incapazes.

A escrita deve ser considerada uma atividade concreta e que não seja utilizada apenas para que o aluno consiga uma nota, mas precisa estar voltada para a realidade do mesmo, para

a sua história de vida, onde ele possa assumir uma posição social no seu texto. As instituições de ensino precisam valorizar as atividades realizadas pelos indivíduos, tanto dentro da escola como fora dela, com a finalidade de proporcionar aos sujeitos envolvidos no processo-ensino aprendizagem uma melhor compreensão da linguagem através de variados textos que circulam em sua rotina, na sociedade.

Leite, (2004, p. 83) destaca que “o modelo ideológico admite que a escrita não pode ser dissociada de seu contexto sócio-histórico de produção e interpretação, assumindo significados variados em diferentes contextos”. As estruturas de poder da sociedade vão ganhando destaque à medida que as práticas sociais vão se desenvolvendo, pois é através delas que a linguagem ganha significado e torna-se reconhecida. Dessa forma, o letramento carrega um caráter ideológico que deve ser respeitado e utilizado tanto no meio social como nas práticas educacionais.

Em nossa sociedade é possível perceber a rejeição desse caráter ideológico quando são menosprezados grupos sociais que apresentam diferenciadas práticas de leitura e escrita. As atividades desenvolvidas na escola têm tudo para beneficiar apenas os alunos que são originários de famílias que apresentam certo grau de letramento mais parecido com as práticas docentes e os outros ficam rejeitados e julgados como incapazes. Mortatti (2004, p. 104) afirma que, “nas diferentes versões desse modelo ideológico, leitura e escrita são consideradas atividades eminentemente sociais, que variam no tempo e no espaço e dependem do tipo de sociedade, [...] projetos políticos, sociais e culturais em disputa. ”

Fica notório que, como já foi ressaltado anteriormente, não existe apenas um tipo de letramento, sabemos que em sua dimensão social, o letramento caracteriza-se como um conjunto de práticas sociais, pois de acordo os diferentes contextos em que as práticas de letramento estão incluídas, é possível perceber que ocorre mudanças entre um espaço e outro, e, no entanto, estas promovem capacidades diferenciadas para utilizar a escrita. É importante destacar também que a multiculturalidade, ou seja, diferentes culturas vivem as mesmas práticas de letramento, mas de maneiras diferente.

Em uma sociedade do conhecimento, onde a leitura e a escrita passaram a ocupar variados espaços na sociedade, várias formas de comunicação estão sempre surgindo e, estas não devem ficar desarticuladas da escola, uma vez que, fazem parte da vivência e das práticas sociais dos indivíduos. Na maioria das vezes, os textos trabalhados nas escolas são completamente descontextualizados, desprovidos de sentido e distantes da realidade dos educandos, fazendo com que estes fiquem desmotivados, sem nenhum interesse para

envolver-se nas aulas, pois não encontram no processo ensino-aprendizagem algo que tenha significado para suas vidas, que possa levá-lo para utilizar fora do contexto escolar.

Durante muito tempo o conceito de alfabetização foi definido como o ensino do sistema alfabético de leitura e escrita, como mera ordenação das letras, ou seja, como a aquisição de um código fundamentado na relação entre fonemas e grafemas. As pessoas que conseguissem juntar sons e letras para formar palavras, ou frases curtas, eram consideradas alfabetizadas, esse simples fato parecia satisfatório para distinguir o alfabetizado do analfabeto.

O termo analfabetismo, é o “estado ou condição de analfabeto”, sendo este um termo que nos é familiar e de universal compreensão. Analfabeto é o “que não sabe ler e escrever”, já alfabetizado nomeia “aquele que apenas aprendeu a ler e escrever”, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incluindo as práticas sociais que as demandam. (SOARES, 2004, p. 16-19). Podemos perceber que, em relação a leitura e a escrita nada mais era exigido das pessoas além de aprender a ler e escrever, era suficiente apenas codificar e decodificar os sons e as letras, para que o indivíduo fosse considerado alfabetizado.

Por muitos anos as cartilhas foram o norte das práticas de leitura, o que explica o fracasso na superação do ensino ainda mecânico. Com o passar do tempo, os educadores tiveram que abrir mão das mesmas, já que traziam frases soltas e descontextualizadas, como por exemplo: “Ivo viu a uva”; “A vaca é a Violeta”, “O gato e o Guto”, textos como estes não são carregados de sentido e totalmente distantes da realidade do aluno, é preciso que ele vá além da codificação, contextualize sobre o que leu, estimulando assim, o seu senso crítico e a autonomia enquanto cidadão. Freire P., (1984) ressalta que,

Mais que escrever e ler que a ‘asa é da ave’, os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de ‘escrever’ a sua vida, o de ler a sua realidade, o que não será possível se não tomarem a história nas mãos, para fazendo-a por ela serem feitos e refeitos (FREIRE, 1984, p. 16).

O método tradicional se preocupa apenas com a montagem das sílabas e, não com o significado, utiliza-se frases soltas que não apresentam nenhum sentido, a aprendizagem ocorre de forma fragmentada, primeiro ensina as vogais, depois as sílabas, até chegar as palavras e as frases, para depois formar textos. Esse tipo de ensino força o aluno a aprender através da repetição, fazendo com que o mesmo decore e não aprenda, dessa forma, os educandos ficam desmotivados, sem interesse para ler e produzir textos.

A alfabetização era entendida como um processo fragmentado de decodificação de símbolos, as pessoas se preparavam para codificar sinais gráficos transformando-os em sons, como também adquiriam habilidade para codificar os sons da fala transformando-os em sinais gráficos sem uma atenção maior com a compreensão do texto, do contexto e do seu uso nas práticas sociais. Freire C. (2013) ressalta que,

A educação não elimina a pobreza, contudo sem ela não há desenvolvimento possível e satisfatório. Diante disso, no processo de desenvolvimento, seria importante pensar em políticas públicas de educação para crianças, com condições dignas de estudo, continuidade, para que não continuemos alfabetizando-as em outra fase da vida, engordando os índices de analfabetismo da geração adulta (FREIRE C. 2013, p. 43).

Sabemos que a educação não exclui a pobreza, mas ela é fonte transformadora do futuro, através dela o ser humano se constrói e reconstrói. Permitir que todos tenham acesso à uma educação significativa e inovadora é garantir a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Mas, é preciso pensar em práticas pedagógicas inovadoras que proporcionem uma aprendizagem de qualidade, onde os métodos de alfabetização não aconteçam de forma tradicional e mecânica, para que as crianças além de serem alfabetizadas participem da construção do próprio conhecimento, através de uma variedade de práticas sociais que possibilitem tornar-se sujeitos críticos e participativos, prontos para atuarem de forma ativa na sociedade.

A alfabetização deve ser um processo que leve o aluno para o mundo letrado, onde o professor ensine o educando a ler, mas utilize esse código escrito para chegar ao conhecimento através da interpretação e da reflexão. Um ensino metódico e sistemático faz com que ocorra uma separação entre a escola e a vida, pois os alunos aprendem apenas o que foi estabelecido pela instituição de ensino, sem fazer relação com as suas vivências.

Freire P. (2005) faz uma crítica a esse tipo de ensino denominando de “educação bancária”, pois o conhecimento nesse modelo de prática pedagógica é transferido do professor para o aluno como uma ordem, uma imposição. Não é permitido ao educando o diálogo, a reflexão ou qualquer experiência vivenciada, uma vez que o mesmo nunca é estimulado a participar, interagir e construir seu próprio conhecimento, tornando-se alienante e oprimido. Freire P., (2005, p. 66) destaca que, “[...] a educação se torna um ato de depositar em que os educandos são os depositários e os educadores depositantes. Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, [...] recebem pacientemente [...]”.

Nesse tipo de educação bancária, o aluno é visto como uma tábula rasa, ou seja, o conhecimento de mundo que ele já possui não é levado em consideração, o educando passa a

ser um receptor passivo que deverá esperar que o professor transmita o conhecimento que só poderá ser depositado por ele, pois este é visto como o detentor do saber, nesta concepção a escola é o único lugar onde a aprendizagem pode acontecer.

Paulo Freire (1980) em oposição a educação bancária, alienante e opressora, propõe uma educação libertadora, onde o diálogo e a reflexão estejam presentes no contexto escolar. Em vez de aulas ele sugere “Círculos de Cultura”, principalmente na alfabetização de jovens e adultos, nesse método não é necessário a repetição, é preciso levar o aluno a pensar, através de palavras retiradas das suas experiências, do meio ao qual convive.

Em consequência dos problemas enfrentados em relação ao ensino de língua materna, muitos pesquisadores da área da educação e da linguagem perceberam que apenas aprender a ler e escrever já não era mais suficiente para atender as demandas da sociedade grafocêntrica. Muitas pessoas se alfabetizam, mas não leem livros, jornais, não conseguem encontrar uma informação numa conta de água, sentem dificuldade para escrever um bilhete. Sabemos que a alfabetização e o letramento são duas concepções distintas, mas ao mesmo tempo indissociáveis e, se trabalhadas conjuntamente poderão desempenhar um papel significativo para o processo de ensino aprendizagem.

A concepção alfabetizar letrando, destaca a escrita como um sistema de signos, mas que não deverá acontecer através da codificação e decodificação mecânica, mas na interpretação e no sentido que o texto tem para a vida do aluno. Soares (1998) ressalta que,

Alfabetizar é propiciar condições para que o sujeito, criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades, codificação e decodificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer o uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (SOARES, 1998, p. 16).

A leitura é muito mais do que uma ferramenta escolar que ocorre através da decifração dos sinais gráficos, ela é o ponto de partida para o acesso à cultura escrita, como também é a principal responsável pelo desenvolvimento pleno da cidadania. A alfabetização e o letramento apontam uma nova proposta para ser utilizada no âmbito escolar. Os professores enfrentam o desafio de alfabetizar letrando, mas para que isso aconteça os mesmos precisam utilizar práticas pedagógicas em que a aprendizagem tenha sentido e significado, de uma forma que os alunos façam uso do conhecimento nos diversos ambientes sociais levando-o para a vida, para o trabalho, ou seja, para saber se expressar em diferentes situações.

Portanto, a alfabetização se trabalhada na perspectiva do letramento poderá propiciar ao aluno a aquisição da base alfabética, através de uma diversidade de gêneros discursivos,

que serão contextualizados com a sua realidade social. Assim, ao mesmo tempo que se alfabetiza entrará em contato com as variadas situações reais de comunicação, possibilitando usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais, para interagir e intervir nos assuntos que veiculam na sociedade, tornando-se pessoas letradas, críticas e participativas.

### **1.1.2 Eventos e Práticas de Letramento**

A sociedade contemporânea exige cada vez mais do indivíduo a habilidade de praticar a leitura e a escrita em sua vida diária, em saber fazer uso dessas competências para a sua participação ativa na sociedade em que está inserido. O letramento é um tema de grande relevância para o desenvolvimento pleno do cidadão, pois a partir desse instrumento significativo para a aprendizagem as pessoas poderão desenvolver o senso crítico, posicionando-se frente às informações transmitidas em seu meio e, conseqüentemente, passarão a incluir-se na sociedade.

Podemos dizer que um leitor e escritor competente é aquele que se apropria do ato de ler e escrever em diversos contextos de comunicação, de modo que participe efetivamente do processo de construção dos sentidos do texto. No entanto, o que se espera hoje da escola é que ela possibilite uma aprendizagem significativa, que contribua para atingir níveis de letramento mais avançados, com o propósito de formar sujeitos autônomos, participativos e mais conscientes.

Os NLS se encarregam de pesquisar as práticas de leitura e escrita tanto em espaços escolares como na sociedade. Essa pesquisa também inclui estudos críticos e reflexivos em relação aos letramentos, considerando os valores, identidades e poder, mostrando que são muito mais que variadas às interações e intervenções entre sujeito ou grupo social e o mundo da escrita. De acordo com Street (2003, p. 1), esses estudos compõem um recente campo de pesquisa que,

Representa uma nova visão da natureza do letramento que escolhe deslocar o foco dado à aquisição de habilidades, como é feito pelas abordagens tradicionais, para se concentrar no sentido de pensar o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, portanto, não tomam nada como definitivo no que diz respeito ao letramento e às práticas sociais a ele relacionadas, preferindo, ao contrário, problematizar o que conta como letramento em um espaço e tempo específicos e questionar quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou resistentes. (STREET, 2003, p. 1)

Nesse sentido, esses novos estudos focam muito mais o lado social do letramento, do que seu lado cognitivo; assim, surgem os múltiplos letramentos. Essa nova abordagem trouxe várias discussões e pesquisas que ressaltam a necessidade de uma reflexão mais concreta em relação à leitura e a escrita e seus significados em contextos sociais, reais, como também o modo como às pessoas lidam com esses processos.

Os NLS, além de ter dado início aos conceitos em relação à diferença entre os modelos autônomo e ideológico de letramento, também trouxeram conceitos diferenciando o evento e a prática de letramento (BUZATTO, 2009). Esses estudos explicam eventos e práticas como elementos essenciais do fenômeno do letramento, assim, os conceitos de ambos estão completamente relacionados e, dessa forma, serão discutidos conjuntamente. Barton & Hamilton (1998) traz a seguinte definição:

[...] eventos de letramento são atividades em que o letramento desempenha um papel. Geralmente existe um texto escrito, ou textos, que é central para a atividade e falas em torno do texto. Eventos são episódios que emergem das práticas e são definidas por elas. (BARTON & HAMILTON, 1998, p. 8)

Sempre que um texto escrito for o intermediário de um exercício social, ocorre um evento de letramento. O termo eventos de letramento diz respeito às unidades mais reconhecíveis, permitem perceber o que é aparente, possível de ser visualizado em situações específicas e definidas de letramento. Assim, são atividades que envolvem a leitura e a escrita, e nesses eventos é fundamental que aconteça o diálogo, a interação e a comunicação entre os participantes, ocorrendo de forma colaborativa.

Segundo Heath (1982, p. 93) eventos de letramento “são situações em que a língua escrita é parte integrante da natureza da interação entre participantes e de seus processos de interpretação”. Segundo o autor, essa interação pode acontecer oralmente, com a intervenção da leitura ou da escrita em que os interlocutores estão presentes, como também à distância com a mediação de um texto escrito.

Os eventos de letramento não acontecem apenas no contexto escolar, mas em variados ambientes sociais, apresentam diferentes finalidades e encarregam-se de diversificadas formas. No nosso cotidiano por exemplo, participamos de vários eventos de letramento, quando fazemos a lista de compras do supermercado, quando escrevemos um bilhete para alguém, quando lemos um livro e contamos a história resumidamente para uma determinada pessoa ou quando acessamos o banco pelo computador e fazemos um depósito on-line. O letramento também está presente na oralidade, pois em uma sociedade tecnológica como a nossa, a escrita ocupa um espaço amplo, assim, uma atividade que representa simplesmente a

modalidade oral, como ouvir as notícias do jornal na televisão é um evento de letramento, uma vez que, ao ouvir o texto aparecem os traços da modalidade escrita.

Conforme Barton (2007, p. 37), práticas de letramento “são os modos culturais gerais de usar a leitura e a escrita que as pessoas produzem num evento de letramento.” São circunstâncias, em que as palavras sejam elas faladas ou escritas são utilizadas em uma interação social concreta.

Tanto os eventos como as práticas de letramento abrangem diversos gêneros de textos e são parte integrante da rotina das pessoas. Rojo (2009) destaca que as práticas sociais de letramento que realizamos nos diferentes contextos de nossas vidas vão estabelecendo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e escrita; dentre elas, as práticas escolares. Di Nucci (2002) concorda com essa ideia ao afirmar que,

As diferentes práticas de letramento presentes no cotidiano do indivíduo contribuem para que ele possa desenvolver as habilidades de codificar e decodificar a língua escrita e de compreendê-la em seu contexto, sendo que tais habilidades variam de intensidade, em função dos usos. Essa variação é decorrente da familiaridade que ele tem com as práticas sociais e escolares da escrita no cotidiano, o que determina os diferentes níveis de letramento. (DI NUCCI, 2002, p. 2)

As nossas atividades cotidianas na atualidade passaram por grandes modificações, que conseqüentemente gerou várias mudanças nas práticas de letramento, pois à medida que a sociedade evolui por conta da modernização, a escrita torna-se cada dia mais indispensável na vida das pessoas e, essa competência é a principal responsável para a formação de novos gêneros do discurso, como também para a evolução de novas práticas de uso social da língua. Constantemente temos que interagir com a escrita, pois na contemporaneidade encontramos uma grande quantidade de material escrito que circulam em nosso meio, mas sabemos que essa inserção ocorre em variadas situações e, conforme o envolvimento é que será proporcionada ou não uma maior inclusão social e cultural do indivíduo, pois dependendo da intensidade de uso dessas práticas no nosso dia-a-dia é que vão estabelecendo os variados graus de letramento.

Como destaca Rojo (2009) uma das finalidades fundamentais da escola é proporcionar aos educandos oportunidades para envolver-se nas variadas práticas sociais que empregam a leitura e a escrita (letramentos) na cidade onde convive, de forma ética, posicionando-se com senso crítico e democrático. Mas, para que isso ocorra é necessário que a educação linguística leve em consideração hoje, os multiletramentos ou letramentos múltiplos sem desconsiderar os letramentos das culturas locais dos indivíduos, como educadores, educandos, comunidade

escolar, entrando em contato com os letramentos prestigiados, globais e institucionais. É preciso também levar em conta os letramentos multissemióticos que os textos contemporâneos exigem, assim ocorre uma evolução na concepção de letramentos para a esfera da imagem, da música e de outras semioses que não fazem parte apenas da escrita.

O conceito de letramentos múltiplos é ainda um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois abrange, além da questão da multissemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe originou, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que veiculam em diferentes áreas da sociedade e a multiculturalidade, ou seja, é o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente (ROJO, 2009).

A multimodalidade das mídias digitais gerou uma variedade de práticas de letramento, e as mesmas podem ser utilizadas de diferentes maneiras dependendo do ambiente, da cultura e do tempo em que elas acontecem. Dessa forma, uma mesma prática de letramento pode variar conforme os diferentes tipos de contextos aos quais cada indivíduo esteja inserido. Uma pessoa pode ler um livro para produzir um artigo científico, uma resenha, enquanto outra pode realizar a leitura do mesmo livro simplesmente para se distrair. Portanto, são as mesmas práticas de letramento, mas que podem ser apresentadas com finalidades diferenciadas.

Constantemente na nossa vida diária realizamos diversas práticas de letramento, seja na escola ou fora dela. Quando o professor entra na sala de aula, realiza a chamada e depois pede que os alunos abram o livro em uma determinada página e, em seguida solicita que um deles faça a leitura em voz alta, ou quando alguém está sem dinheiro vivo na carteira e precisa comprar alguma coisa, certamente irá ao caixa automático e seguirá as instruções na tela digitando números e letras para retirar dinheiro vivo, podendo também comprar no cartão de crédito ou débito, seguindo as orientações da tela para realizar a compra sem precisar do dinheiro.

Mortatti (2004) destaca que esses eventos e práticas, envolvem diferentes tipos de material escrito e fazem parte certamente das experiências vividas pelas pessoas e grupos sociais em sociedades letradas. E são múltiplos e variados, pois dependem das formas como pessoas e grupos sociais incluem a língua escrita em seu cotidiano e dos métodos e estratégias interpretativas utilizadas pelos integrantes de um processo de interação.

Portanto, são as práticas de letramento que realizamos no nosso cotidiano que vão estabelecendo nossos níveis de desempenho na leitura e na escrita, pois é através dos gêneros textuais e das práticas comunicativas que serão realizados os eventos e as práticas de letramento. Muitas vezes as pessoas não precisam saber ler e escrever para tornar-se de certa

forma letrada, algumas delas nunca foram à escola, são analfabetas, mas trabalham com vendas, sabem receber e passar o troco, assim não existe um nível zero de letramento.

## **1.2 Leitura e escrita: bases para o letramento**

Atualmente, saber utilizar a leitura e a escrita em variadas circunstâncias da rotina diária se faz necessário tanto para o exercício pleno da cidadania, na esfera individual, quanto para a proporção do grau de desenvolvimento da população, no nível sociocultural e político. É responsabilidade do estado proporcionar a todos os indivíduos o acesso a aprendizagem da leitura e da escrita através da educação, como forma de participação na construção da democracia, como também para a inserção social, cultural e política (MORTATTI, 2004).

Durante muitos anos a educação esteve voltada para o ensino tradicional, desde à alfabetização os alunos já estavam imersos no universo da memorização, pois o professor reservava um horário da aula para tomar a leitura do alfabeto com os alunos, colocava a criança para ler várias vezes até decorar. Liam na ordem, depois saltavam as letras até que os alunos decodificassem todos os sons, as cartilhas eram elaboradas a partir de palavras ou frases soltas, não apresentavam nenhum contexto com a realidade social dos alunos. Infelizmente, esse tipo de ensino de decodificação da língua vem se perpetuando durante o ensino fundamental II até chegar no Ensino Médio e, essa é uma deficiência encontrada ainda na maioria das escolas.

Os alunos decoravam questionários enorme para responder as provas e tinha que colocar tudo como estava lá no caderno, até as vírgulas, memorizavam datas dos conteúdos de História, regras para responder questões de matemática, como também as regras gramaticais. O letramento é um processo interdisciplinar, ele não deve ocorrer apenas nas aulas de Português, mas também em todas as outras disciplinas. Todas as atividades que o professor propor aos alunos deve favorecer aos mesmos, a interpretação, a reflexão para que eles percebam a importância do que estão aprendendo. Antunes (2003) ressalta que,

No que se refere às atividades de ensino da leitura também se encontra ainda: uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita [...] uma atividade sem interesse, sem função [...] puramente escolar [...] se limita a recuperar os elementos literais e explícitos [...] uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura [...] (ANTUNES, 2003, p. 27).

A leitura é considerada um fator primordial na educação escolar, pois esta é uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento de novas aprendizagens, mas em grande parte das instituições de ensino ela ainda é entendida como um ato mecânico de decodificação de palavras. Dessa forma, a leitura é feita simplesmente para a escola, com o propósito de atender às exigências do professor, através de textos que não apresentam nenhuma relação com a experiência dos alunos, assim eles não demonstram nenhum interesse pelo ato de ler. No entanto, a leitura precisa ser utilizada como um meio de enriquecer a aprendizagem dos educandos, possibilitando aos mesmos tornarem-se leitores proficientes tanto para a escola como para a vida.

Atualmente, em uma cultura grafocêntrica, em que há uma multiplicidade de informações disponíveis aos leitores, trabalhar a leitura na sala de aula tornou-se um dos grandes desafios para os professores da educação básica. Ensinar a decifrar códigos já não é mais suficiente, os alunos precisam ler textos que dialoguem com os seus contextos sociais e que atribuam significado para as suas vidas.

A competência leitora, seja ela imagética ou verbal, é uma atividade de fundamental importância para o crescimento social e intelectual de cada indivíduo, é através dela que nos é permitido compreender e interagir com as pessoas e, o mundo a nossa volta, além de podermos participar ativamente das discussões que ocorrem em nosso meio, habilitando-nos ao exercício da cidadania, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Kleiman (2000) traz a seguinte definição para esta competência,

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos-leitor e autor, que interagem entre si, obedecendo a objetivo e necessidade socialmente determinadas [...] é mediante a leitura que a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue constituir sentidos. (KLEIMAN, 2000, p. 13).

A leitura não deve ser utilizada simplesmente para abastecer os alunos de conteúdo, onde os mesmos leem de forma mecânica e não conseguem compreender o texto lido, uma vez que sentem dificuldades de reproduzir o que leram. Os educandos precisam interpretar, dialogar com outros textos, mas para que isso aconteça, é preciso que o professor os estimule a pensar e refletir, com o propósito de compreender melhor a realidade que o cerca, beneficiando sua participação em relações sociais, propiciando interpretar mensagens e informações que circulam atualmente na sociedade, preparando-os para a inclusão no mundo do trabalho e para a interferência crítica e consciente na vida pública.

Quando as pessoas passam a dominar a língua, elas ampliam a sua participação social, pois esta permite ao sujeito envolver-se de forma plena no processo comunicativo. Dessa

forma, mantém-se informadas sobre os acontecimentos que rodeiam a sociedade, podendo expressar o seu ponto de vista. Os conhecimentos prévios dos alunos devem ser estimulados, sejam eles textuais ou de mundo para que novos significados sejam construídos a partir daqueles já existentes. Diante do exposto, Brandão (1994) afirma que,

A concepção de leitura como um processo de enunciação se inscreve num quadro teórico mais amplo que considera como fundamental o caráter dialógico social e histórico. A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos (BRANDÃO, 1994, p. 89).

É necessário que ocorra uma contextualização entre os gêneros textuais lidos na sala de aula e os acontecimentos ocorridos no cotidiano dos alunos, caso contrário, o ato de ler se resume entre as obrigações da escola, desvinculado da vivência dos educandos, tornando-se um ato sem nenhum significado. Segundo Geraldi (1991, p. 136), “a experiência do vivido passa a ser o objeto da reflexão, mas não pode ficar no vivido, sob pena de esta reflexão não se dar”. Nesse sentido, a leitura deve simbolizar uma atividade que promova a interação com o outro, interligando o conteúdo apresentado ao conhecimento prévio, pois quando o professor parte daquilo que o aluno já sabe, o novo assunto é mediado através de debates e incentivo à reflexão. Mas, na maioria das vezes, o espaço escolar que é o principal meio para proporcionar essa experiência comunicativa não favorece essa oportunidade ao aluno e este, conseqüentemente ficará marginalizado na dinâmica das reações sociais.

Dentre os bens culturais, encontram-se a leitura e a escrita como saberes indispensáveis às sociedades letradas e que devem favorecer aos indivíduos ou grupos sociais não apenas acesso a ela, mas, é necessário, também, uma participação efetiva na cultura escrita. É preciso apropriar-se e utilizar-se desses saberes para que ocorra uma mudança, tanto do ponto de vista do indivíduo como do grupo social, de seu estado ou condição nos aspectos cultural, social, político, linguístico, psíquico. Os significados, usos e funções desses saberes, assim como as formas de sua distribuição, também variam no tempo e dependem do grau de desenvolvimento da sociedade (MORTATTI, 2004).

Embora a leitura e a escrita apresentem diferentes habilidades, estão interligadas e ocorrem conjuntamente. Cagliari (1993) ressalta que:

A escrita seja qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral

e outros apenas com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado. (CAGLIARI, 1993, p. 103)

Podemos observar que a escrita é uma ferramenta relacionada à leitura, uma vez que através dela o leitor desempenha um trabalho ativo por meio do significado do texto. A leitura e a escrita não podem ser trabalhadas separadamente na aprendizagem, tudo que o aluno aprende durante a leitura ajuda-o a tornar-se um bom escritor e tudo o que é aprendido sobre a escrita possibilita ao aluno adquirir habilidade para a leitura, por meio desta é que o discente adquire informações e desenvolve o senso crítico. Mas, muitas vezes o professor de Língua Portuguesa tem se importado simplesmente com a aparência da escrita, deixando de lado o que realmente ela faz e significa, assim acaba tornando uma atividade detestável para aqueles que ainda não tem uma certa competência para escrever.

Em se tratando do trabalho com a escrita na sala de aula, Geraldi (1997, p. 136) ressalta a importância de fazer uma distinção entre “produção de textos e redação.” Nesta, produzem-se textos para a escola; naquela produzem-se textos na escola”. Dessa forma, o trabalho com a redação acontece de modo descontextualizado, segundo uma concepção tradicionalista de ensino, priorizando a decodificação de sons em letras, escreve-se sem finalidade alguma, sem considerar os gêneros textuais em circulação. Já a produção de textos, baseia-se na concepção interacionista, é um processo que ocorre através da interação entre os interlocutores, ou seja, precisa-se do outro para a produção.

É de fundamental importância que o professor ofereça condições para que os alunos adquiram habilidade para produzir textos que tenham sentido para ele mesmo e que transmita aos seus interlocutores mensagens que contribuam para a prática social de ambos. Saber para quem se escreve é condição primordial para que a escrita tenha sentido.

Segundo Geraldi (1997) são esses elementos que definem as condições escolares de produção:

Se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo); e se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, op. cit. p. 160).

Nesse sentido, ter o que dizer não significa devolver o discurso dito pelo professor, onde o aluno escreve simplesmente para que o mesmo avalie. É preciso levar para a escola o que a escola ainda não conhece e, para que isso aconteça é fundamental que ocorra uma troca de conhecimentos entre professor e aluno, onde se valorize o conhecimento de mundo que o

educando carrega consigo, pois este é o ponto de partida para a reflexão na ação educativa. O discente precisa ter uma razão para dizer, assim é necessário que ele seja motivado para isso e não realize uma determinada atividade apenas para cumprir uma tarefa escolar. A escolha das estratégias deve ser selecionada a partir daquilo que se tem a dizer, como também das razões para se dizer a quem se diz e, o professor é o principal mediador que pode questionar, sugerir e apontar os possíveis caminhos para o educando dizer o que pretende do jeito que escolheu.

Se os professores utilizarem estratégias como estas os alunos passarão a produzir textos com funções comunicativas sociais, dentro de um contexto, assim eles compreenderão o verdadeiro sentido da sua produção escrita, qual a finalidade, pois quando produzimos um texto devemos escrever para alguém, com objetivos definidos. Dessa forma, os educandos se tornarão escritores proficientes, autores de suas próprias histórias e, poderão fazer uso dessas produções na realidade social, em seu cotidiano, para posicionar-se frente as discussões da atualidade, participando de práticas efetivas de letramento tanto na escola como fora dela.

A leitura e a escrita devem assumir um papel social, que vá muito além da decodificação mecânica. Ambas as competências precisam estar inseridas numa situação de comunicação contextualizada a partir de textos que façam parte da realidade social dos educandos para que os mesmos possam dialogar com o objeto de estudo por meio da interação e, participem da construção do seu próprio conhecimento. Os discentes precisam adquirir o domínio discursivo em diferentes situações comunicativas para ampliar seus níveis de letramentos, de forma que atue conscientemente no meio em que vive.

### **1.3 Os gêneros textuais como suporte para o letramento**

Os gêneros textuais contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois estes são textos que circulam socialmente e que estão relacionados à vida cultural e social dos mesmos, assim promovem uma maior interação, auxiliam no desenvolvimento das atividades comunicativas, além de possibilitar aos educandos tornarem-se pessoas participativas e criativas, para atuarem no meio em que estão inseridos.

A língua se manifesta na sociedade por meio da variedade de gêneros textuais encontrados nos âmbitos sociais, com os quais convivemos no nosso cotidiano, através da internet, dos livros, jornais, revistas, entre outros. Constantemente sentimos necessidade de utilizá-los para realizar algumas atividades na nossa vida diária, quando queremos fazer um bolo, por exemplo, recorremos a uma receita culinária, quando precisamos vender um imóvel, providenciamos uma placa com um anúncio para facilitar a venda. Da mesma forma, quando

vamos utilizar um remédio, buscamos informações na bula, como dosagem, efeitos colaterais, etc., além da propaganda que frequentemente estamos ouvindo na televisão, nos rádios, na internet e que, na maioria das vezes, consegue nos convencer à comprar determinado produto.

Marcuschi (2008) confirma essa ideia ao enfatizar que [...] “gênero textual refere os textos materializados em situação comunicativa recorrente. [...] encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos”. Dessa forma, faz-se necessário que o professor leve para a sala de aula textos que tenham uma maior aproximação com os alunos, que façam parte das suas realidades, assim, possibilitará aos mesmos, compreender as características discursivas e linguísticas de variados gêneros, em situação de comunicação real.

Segundo Bazerman (2005, p. 106), “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, [...] compreende melhor o mundo com que está se comunicando”. Nesse sentido, cada pessoa que convive com uma variedade de gêneros textuais, passa a adquirir habilidade para participar ativamente das discussões em seu meio social, se expressam melhor, compreendem e interpretam as diversas possibilidades de comunicação.

O ensino de língua materna deve ter como principal objetivo capacitar o estudante à utilizar os conhecimentos adquiridos na escola ao seu favor na vida diária, mas para que isso seja possível, o professor precisa incluir em seu planejamento textos que façam parte do contexto social contemporâneo, os quais o aluno já mantém contato em seu cotidiano. Dessa forma, as práticas em sala de aula estarão sempre atualizadas, acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade, sejam elas econômicas, políticas, sociais ou culturais. Ao trabalhar com textos na sala de aula é fundamental ter em vista que:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (PCN's, 1998, p. 23)

O professor deve proporcionar oportunidades que favoreçam a comunicação e habilidade discursiva dos alunos, mas essa interação só ocorrerá se ele trabalhar com uma diversidade de textos, assim poderão familiarizar-se com os diferentes usos da língua, tanto na oralidade como na escrita. Quando o educando estuda esses gêneros na escola, é interessante que o educador promova momentos de reflexão e diálogo, pois, a partir daí poderá articular o conhecimento de mundo que ele já possui para adquirir novos aprendizados, como também conhecer as características inerentes a cada gênero estudado. A escola deve trabalhar com

estratégias de produção de gêneros que veiculam na comunidade discursiva, habilitando o educando para atuar efetivamente na realidade em que vive.

Bezerra (2005) ressalta que o estudo de gêneros pode trazer resultados significativos nas aulas de Português, pois os seus usos e funções contribuem bastante para a comunicação dos indivíduos. Dessa forma, as aulas vão se tornando menos paralisadas e inertes, deixam de ser entendidas como verdade absoluta e arcaica, assim a aprendizagem poderá fluir melhor, pois o estudo da língua se estabelece de maneiras diversificadas e apresenta características próprias em cada contexto e, o aluno terá a oportunidade de traçar o seu conhecimento interagindo com o objeto de estudo e também a partir da mediação do professor.

Além dos gêneros escritos é de fundamental importância trabalhar os gêneros orais, sabemos que não é função da escola ensinar os alunos a falar, pois esta habilidade eles adquirem em casa, ou no meio social que estão incluídos, muito antes de frequentar a escola. No entanto, o trabalho com a oralidade se faz necessário para que os alunos aprendam a se expressar melhor diante de diferentes situações de comunicação, pois é papel da escola proporcionar o desenvolvimento pleno do educando, prepará-lo para o exercício da cidadania, como também torná-lo qualificado para atuar no mercado de trabalho. É preciso colocar os alunos frente a diversas situações reais como entrevistas de emprego, debates, propagandas, discursos, exposições, preparando-os para o mundo, fora do contexto escolar. Os PCN's (1998) ressaltam que,

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto da fala como da escrita, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (PCN's, 1998, p. 27)

Segundo os PCN's nada adiantaria treinar o uso mais formal da fala, se o ensino da oralidade não acontecer de modo significativo, que tenha sentido para a vida do aluno. Tanto a linguagem oral como a escrita deve favorecer ao educando que ele adquira habilidade para se apropriar de ambas as competências em seu uso social, cultural e político, no entanto é papel da escola promover atividades que possibilite ao aluno tornar-se um sujeito interativo e letrado.

Segundo Marcuschi (2002), após a invenção da escrita alfabética mais ou menos no século VIII a. C., os gêneros textuais foram se ampliando e, começaram a aparecer aqueles que apresentavam características próprias da escrita. A partir do século XV os gêneros se

desenvolvem com a expansão dos textos impressos e, atualmente com a fase da cultura eletrônica surgiu novos gêneros e novas formas de comunicação tanto na oralidade como na escrita. Os gêneros textuais vão se espalhando e se tornando reconhecidos de acordo os contextos de seus usos, verificando as exigências culturais e históricas que abrangem as carências de comunicação dos indivíduos, uma vez que são constantemente renovados, de acordo com as dinâmicas sociais. Marcuschi, destaca que,

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São atividades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer circunstância comunicativa. (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Esses gêneros vão surgindo a partir das nossas necessidades de comunicação, algumas mudanças ocorreram com os antigos, a carta por exemplo foi substituída pelo e-mail. Se antes enviávamos mensagens pelo celular através de SMS, hoje utilizamos as redes sociais como o whatsApp para deixar recados para os amigos, o Orkut foi trocado pelo Facebook, o MSN pelo skype, assim as pessoas sentem a necessidade de se adaptarem às novas tecnologias e passam a interagir socialmente.

Tudo muda muito rápido, da mesma forma que os gêneros surgem, eles também desaparecem para dar lugar à outros, dependendo da necessidade de comunicação dos indivíduos. Os gêneros também variam de acordo a cultura de cada sociedade, e vão se desenvolvendo e evoluindo conforme a intensidade de seus usos.

Marcuschi (2008, p. 198) destaca que “o estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros textuais é particularmente interessante porque a interação on-line tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”. Nesse sentido, através da internet as pessoas interagem, trocam informações, através dessa ferramenta não existe distância que dificulte a comunicação entre as pessoas, os gêneros textuais vão se expandindo, pois á medida que a população vai se apropriando do mundo virtual, mais surge a necessidade da existência de outros gêneros. Assim, entendemos que os textos são compostos nas situações interativas, por meio de necessidades específicas, no entanto cada gênero é estabelecido por sua função ou finalidade. Ao entrar em contato com o mundo virtual o indivíduo realiza novas práticas de leitura e escrita, compreende novos códigos, sinais verbais e não verbais, desenho, imagem e hipertextos, passa a apropriar-se dos letramentos múltiplos, preparando-os para atuar de forma autônoma na sociedade da informatização.

As pessoas se comunicam o tempo todo trocando mensagens nas redes sociais, a disseminação do computador está em quase todas as casas, os alunos estão imersos em práticas de leitura e escrita em espaço digital que ocorrem na comunidade onde vivem, acessam às novas tecnologias para se manterem atualizados através das informações que chegam aceleradamente. Se esses novos gêneros recém-surgidos por meio dos correios eletrônicos já estão sendo utilizados pelos educandos, é fundamental agregá-los à escola, mas para que isso ocorra é preciso que todos os envolvidos no campo pedagógico estejam disponíveis a aceitar essas mudanças no processo ensino-aprendizagem.

As práticas de leitura e os estudos de linguagem ou de múltiplas linguagens tornam-se cada vez mais necessárias, os textos midiáticos, escritos, orais ou visuais, circulam informações com uma grande rapidez, e exigem das pessoas habilidade de ler, interpretar e refletir os diversos textos que se encontram na sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, faz-se necessário desenvolver práticas de ensino que priorizem o senso crítico dos alunos, por meio de textos multimodais, constituídos por semioses verbais e não verbais, para proporcionar a formação de sujeitos emancipados e reflexivos, preparando-os para o exercício da cidadania. Rojo (2009) destaca que,

A multissemióse ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato da leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal – escrito – é preciso relacioná-lo com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, música, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos) (ROJO, 2009, p. 105-106)

Nesse sentido, as práticas didáticas de língua materna devem possibilitar diferentes estratégias para leituras de linguagens múltiplas, como as multimodais. Decodificar os signos verbais, como tem sido na educação tradicional tornou-se insuficiente, é fundamental que a escola crie condições que favoreça o desenvolvimento crítico e interpretativo dos alunos, tornando-os capazes de refletir sobre as informações transmitidas na mídia, para posicionar-se criticamente frente a elas. Os educandos precisam envolver-se em uma multiplicidade de letramentos que envolvem fatores multimodais e culturais, tornando-os aptos à ler e interpretar imagens, músicas, filmes, compreendendo os diversos modos de significar, de forma que levem este aprendizado para a vida, contribuindo para a sua formação crítico cidadã.

Segundo Bezerra (2005) a partir da década de 70 do século passado ocorreu uma mudança nas práticas de ensino, pois os professores não tinham mais a responsabilidade de

preparar suas aulas e exercícios como antes, ficando à cargo do autor do livro didático. Como afirma Geraldi (1991), “se a fabricação de material didático facilitou a tarefa do professor, diminuiu sua responsabilidade na escolha do que ensinar, preparou até as respostas no manual, também permitiu elevar a carga horária semanal”. (GERALDI, 1991, p. 94).

Durante esse período o professor passou a não ter liberdade para escolher o que ensinar, muito menos os alunos escolherem o que querem aprender. Mas, com o passar dos anos, alguns pesquisadores perceberam a necessidade de mudanças nas práticas educacionais e, hoje o professor já tem autonomia para preparar suas aulas, escolhendo textos que não estejam apenas no livro didático, textos estes que estejam voltados para a faixa etária dos alunos e direcionados ao contexto social dos mesmos, além do educando também poder opinar sobre as suas necessidades e dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem.

Mas, nem sempre o educador utiliza uma variedade de gêneros como suporte para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, na maioria das escolas o livro didático tem sido praticamente o único mecanismo de apoio para a prática docente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997) orientam que o professor utilize além do livro didático, materiais variados, como jornais, revistas, computadores, filmes, entre outros, como fonte de informação, com o propósito de complementar e enriquecer os conteúdos trabalhados, além de fazer com que o aluno se sinta inserido no mundo à sua volta.

Pensando em formar cidadãos efetivamente letrados é preciso que o professor trabalhe com uma diversidade de gêneros textuais que façam parte do cotidiano dos alunos, pois o homem está em contato com a língua o tempo todo e, é através dela que ele conquista sua posição de sujeito no ato da comunicação. Os gêneros textuais discursivos são ferramentas significativas que proporcionam a interatividade, como também a formação de cidadãos críticos, preparados para fazer uso da língua materna em diversas situações, posicionando-se e intervindo frente as discussões que rodeiam a sociedade.

## **2 IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LETRADO**

Este capítulo está dividido em duas seções, na primeira propomos uma discussão sobre a formação inicial docente que se adquire na universidade, através dos cursos de licenciatura, onde a mesma precisa ser contínua e permanente, uma vez que, o professor necessita estar em constante busca de atualizações e conhecimentos, por meio de cursos de capacitação e especializações. Na segunda seção abordamos a importância do planejamento na formação do sujeito letrado, pois o educador ao planejar suas aulas deve incluir atividades significativas, para que o aluno possa, enquanto cidadão preparar-se para o exercício da cidadania.

A prática docente é cheia de grandes desafios que devem ser superados e vencidos a cada instante. É preciso que o professor se comprometa em aprender sempre, com o propósito de procurar melhorar seus conhecimentos profissionais, ele precisa estar atualizado, acompanhar as inovações, pois os alunos estão cada vez mais antenados às transformações da sociedade, pois fazem parte de uma geração, em que as modificações acontecem de forma acelerada.

Numa sociedade contemporânea marcada por grandes transformações, o educador precisa mudar a sua postura a partir das novas teorias do conhecimento, como também das práticas pedagógicas atuais. A leitura e a escrita devem ser utilizadas de forma interativa e não através da decodificação ou de exercícios repetitivos que levam o aluno a reproduzir modelos fora do contexto social, sendo obrigados pelo professor a responder uma série de atividades desse tipo, que inibe a sua criatividade e imaginação. Cabe a escola favorecer aos alunos o domínio discursivo em variadas situações comunicativas, para que os mesmos se tornem sujeitos letrados, cidadãos conscientes, capazes de compreender e interagir com o mundo a sua volta.

O educador precisa agir como mediador do processo ensino-aprendizagem e, auxiliar o processo de construção do conhecimento. Quando se refere à teoria tudo se torna fácil, mas na maioria das vezes não se encontra docentes dispostos a assumir uma prática pedagógica libertadora<sup>1</sup> (FREIRE, P. 2005). Dessa forma, é primordial que o professor ofereça a seus alunos uma prática transformadora, capaz de torná-los sujeitos de sua própria história e, que estes conquistem a autonomia, habilitando-se a criarem e recriarem seus próprios textos.

---

<sup>1</sup> A pedagogia libertadora de Paulo Freire visa transformar a realidade local, desenvolvendo o senso crítico do sujeito, tornando-o construtor de sua própria história.

A formação de professores tanto inicial como continuada é de fundamental importância para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, pois educar não se resume em repassar informações, mas ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade que está inserido. Para tanto, precisamos estar em constante transformação se reinventando em função do coletivo.

## **2.1 Formação docente: início de uma prática continuada**

A aprendizagem acontece nas relações sociais e, a educação passa constantemente por uma relação interpessoal, no entanto, o professor por mediar o conhecimento dos alunos precisa de uma busca constante de aprendizado, o educador é um ser inacabado, em construção, que deve estar sempre buscando aperfeiçoamento, como também inovar as suas práticas, pensando no crescimento e no desenvolvimento intelectual dos educandos.

Atualmente, os temas relacionados à prática docente vêm gerando grandes questionamentos para os envolvidos na área da educação, pois há uma urgente necessidade de buscar melhorias para o processo de ensino-aprendizagem. Tanto nos cursos de formação inicial como continuada, o que mais se discute é a importância de utilizar métodos que favoreçam a interação dos alunos, uma vez que, se faz necessário deixar de lado as práticas tradicionais, através de atividades mecânicas que fazem dos alunos meros repetidores, onde os mesmos não participam da construção do próprio conhecimento. A busca de novos métodos é imprescindível para se obter uma melhoria no ensino-aprendizagem, pois a leitura e a escrita se trabalhadas como ato social, poderá contribuir para a formação de leitores e escritores capazes de participarem da sociedade na qual estão inseridos e, acima de tudo, exercer o direito e o dever de transformá-la.

Vivemos em uma sociedade letrada onde não basta simplesmente transmitir as informações para os educandos, mas é preciso levá-los a compreendê-las para saber utilizá-las na vida cotidiana. Sabemos que é através da educação e dos conhecimentos adquiridos de forma significativa e reflexiva que o indivíduo pode compreender, transformar a realidade e a sociedade em que vive. Dessa forma, percebe-se a importância da formação, pois a mesma precisa ser pensada como um processo permanente que não deve se esgotar com a conclusão de um curso.

Segundo Nóvoa (1992), para que a formação de professores aconteça é fundamental ter como suporte de referência o crescimento profissional, levando em consideração o

professor individual e o grupo docente. É preciso também que o trabalho proporcione momentos de interação entre as perspectivas pessoais e profissionais, propicie os seus conhecimentos e seja um objeto de transformação. Mas, para que isso ocorra há uma necessidade de estudos, aceitação dos desafios e, perseverança na busca do conhecimento. Para ser professor, é preciso aprimorar-se sempre, buscando constantemente melhorias para a profissão.

Essa construção do conhecimento ocorre tanto no âmbito individual como no coletivo, os professores trocam experiências uns com os outros, aprendem em conjunto, como também individualmente em seus estudos.

A vontade de aprimorar a formação, de buscar novos conhecimentos deve partir do próprio professor, há uma necessidade de mudança, pois o mundo está em constante transformação, a sociedade evoluiu, assim, a educação não está pronta, ela passa constantemente por grandes modificações. Nessa busca de novos aprendizados, de ressignificar suas práticas, esse profissional passa a construir sua identidade docente.

Ao ingressar em um curso de Licenciatura, o graduando precisa refletir sobre a sua identidade profissional, refletir sobre o eu - professor e, ao assumir uma sala de aula durante o estágio deve repensar suas práticas, analisar o que deu certo e o que precisa mudar para torná-la mais significativa e produtiva, pois a profissão docente requer modificações. É preciso conquistar características do mundo contemporâneo para atender às exigências da sociedade atual.

Como destaca Tardif (2000), os saberes são temporais e a formação docente está completamente ligada à sua história de vida, em especial à história de vida escolar. Nos anos iniciais de trabalho o professor amplia suas habilidades e organiza sua prática, os saberes são temporais porque são frequentemente mobilizados durante a carreira profissional, dessa forma, passa por grandes mudanças podendo ser reestruturados e redescobertos.

Os conhecimentos que o professor apresenta são formados bem antes de assumir uma sala de aula, o docente dá início à construção de sua identidade profissional desde o tempo que frequentava a escola, através das experiências que teve como aluno. Os discentes observam qualidades, exemplos e modelos de educadores que deixaram marcas em suas vidas. Algumas vezes essas experiências ocorrem de forma positiva, outras vezes de forma negativa, dependendo das significações que fazem das mesmas. Independente da forma como foram marcados, as identidades dos professores passam a ser construídas e, conseqüentemente, essas práticas serão utilizadas com crianças e adolescentes que hoje fazem parte do contexto escolar.

A formação da identidade profissional tem uma relação muito próxima com a profissionalidade, incluindo o conjunto de conhecimentos, capacidades, competências gerais, que devem ir além da disciplina que ministra. A profissionalidade está relacionada à formação inicial, como também a bagagem adquirida através da prática em sala de aula e, da formação continuada. A partir do momento que o indivíduo se identifica com a profissão, ele passa a desenvolver um perfil, além de ganhar uma nova postura como profissional, assim, aperfeiçoa a profissionalidade (D'ÁVILA, 2007).

Os cursos de licenciatura representam uma função bastante significativa na construção da identidade profissional docente, uma vez que, é a partir da formação inicial que os graduandos compreendem o verdadeiro papel de um professor, suas funções, habilidades e saberes. Pimenta e Anastasiou (2002, p. 105) afirmam que “os anos passados na universidade já funcionam como preparação e iniciação ao processo identitário e de profissionalização dos profissionais de diferentes áreas”. A partir desse momento de estudo, o graduando precisa refletir sobre os aspectos relacionados ao trabalho docente na escola, pois é refletindo sobre a formação adquirida na universidade que a prática pode ser melhorada, possibilitando uma constante ressignificação da mesma.

Pensando na formação inicial dos futuros professores, o Estágio Supervisionado é entendido como um instrumento muito importante para o fortalecimento da prática docente, pois, possibilita ao aluno/acadêmico conhecer a realidade educacional e estabelecer um elo entre a teoria e a prática. Nessa perspectiva, Gomes (2009) enfatiza que o Estágio é uma,

[...] atividade de aproximação com o campo profissional, por tratar-se de uma forma de inserção do mundo do trabalho e na área específica de atuação, de possibilidades de conexão entre a teoria estudada e a prática observada nas instituições que acolhem as estagiárias, configurando-se, assim, como um passo importante na construção das identidades profissionais. (GOMES, 2009, p. 67).

O estágio possibilita ao futuro professor vivenciar situações reais no contexto educacional, dessa forma, ele pode colocar em prática todo o conhecimento teórico que adquiriu no decorrer da graduação. Além disso, o aluno/acadêmico aprende a lidar com os desafios encontrados, resolve problemas, troca experiências com outros profissionais da educação e, passa a compreender a importância que o educador tem para a formação pessoal e profissional de seus alunos.

Durante a graduação, nas aulas teóricas de estágio, o aluno/acadêmico reflete sobre a prática que se inicia, compreende a dinâmica de uma sala de aula, como também a

importância de trabalhar com atividades que tenham significado, utilizando textos que estejam vinculados à realidade social dos alunos, levando em consideração os conhecimentos de mundo que eles já possuem, dando-lhes oportunidade para se manifestarem, possibilitando que eles construam os seus próprios conhecimentos. Dessa forma, o graduando percebe a importância que a educação tem para a transformação da sociedade e, a sua contribuição para a construção da cidadania.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID faz uma articulação entre as escolas de educação básica da rede pública de ensino e a Universidade, com o objetivo de aprimorar a formação inicial aos alunos dos cursos de licenciatura, pois ao inserir-se no âmbito escolar, os mesmos passam a compreender o cotidiano dos alunos, os obstáculos ali encontrados e, conseqüentemente, conhecem e participam do processo ensino aprendizagem, além de contribuir com a inovação, ajudando a elaborar atividades diferenciadas que tenham sentido e significado para a vida dos discentes. Nesse contexto, Guimarães (2013), aponta alguns objetivos do PIBID para auxiliar na formação inicial dos futuros professores,

[...] Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas; contribuir para a articulação entre teoria e prática; integração entre educação superior e educação básica [...] (GUIMARÃES, 2013, p. 2-3)

Nessa perspectiva, o PIBID possibilita ao aluno/acadêmico a oportunidade de aproximar-se da realidade escolar, com o propósito de conhecer melhor e observar como funciona o seu futuro campo de atuação profissional, podendo também participar, auxiliando na elaboração de sequências didáticas, articulando os estudos teóricos estudados na Universidade com a prática ao auxiliar o professor supervisor na realização das atividades.

Além de o PIBID servir de instrumento para a formação inicial dos graduandos das diversas licenciaturas, o programa também tem uma grande relevância para a formação continuada dos professores efetivos, no caso dos supervisores que podem refletir as suas práticas por meio do diálogo entre bolsistas, supervisores, coordenadores das universidades e pelas atividades propostas na escola (SANTOS C. 2015).

A formação profissional docente é uma das principais ferramentas para se atingir uma educação de qualidade. A preparação inicial que o professor adquire nos cursos de licenciatura tornou-se pouco para atender às exigências da sociedade atual, este não é o único

meio onde os professores conquistam o conhecimento para assumir a profissão docente, é apenas o início de um processo. É fundamental que o acadêmico ao concluir a graduação não deixe de buscar novos aprendizados, através da formação continuada, pois, esta emerge como uma necessidade para o sucesso profissional. Rodrigues e Esteves (1993) destacam que,

A formação não se esgota na formação inicial, devendo prosseguir ao longo da carreira, de forma coerente e integrada, respondendo às necessidades de formação sentidas pelo próprio e às do sistema educativo, resultantes das mudanças sociais e / ou do próprio sistema de ensino. (RODRIGUES; ESTEVES, 1993, p.41)

O professor precisa se atualizar sempre, pois no mundo contemporâneo as informações chegam de forma acelerada, através de uma variedade de meios de comunicação, o aluno está diante de novos conhecimentos em todo momento e, o educador não pode ficar para trás, sempre haverá algo novo para aprender, pois a educação está em constante transformação. A cada dia mais o aluno se conscientiza de que “se aprende na escola sim, mas também se aprende muito fora dela”. (TARDIF, 2005, p. 143). Assim, os alunos também passam a enxergar o mundo de uma forma diferente, cobram mais dos professores, das instituições e da sociedade que estão inseridos.

Freire C., (2013) destaca que,

O objetivo com a formação continuada é que cada educador, ao longo do processo, compreenda a verdadeira função de aprendiz, de educar aprendendo, sinta-se mais seguro com o trabalho no grupo, possibilitando-o enfrentar as dificuldades. Deve tornar-se autônomo, reflexivo e atuante, não um repetidor de metodologias prontas, cabíveis em outros contextos distintos do seu. A formação deve ser entendida como um processo real que pretende discutir, refletir, acompanhar e rever a prática de sala de aula. (FREIRE, C. 2013, p. 64)

Através da formação continuada o educador deve compreender a importância de aprender sempre e, este aprendizado deve ocorrer por meio da interação entre professor e alunos, pois à medida que ele ensina também aprende. Durante a formação, ainda poderá trocar informações com os colegas de trabalho, partilhar as experiências, dessa forma, terá mais facilidade para superar os desafios encontrados no âmbito escolar. O professor contemporâneo precisa ter autonomia para preparar suas aulas de forma inovadora, criativa e dinâmica, o mesmo não deve utilizar metodologias prontas, completamente distantes da realidade social dos alunos. A formação deve ter como finalidade levar o professor a analisar suas práticas utilizadas em sala de aula, pensando no desenvolvimento do senso crítico do aluno, onde este possa participar ativamente de sua prática social, atuando como protagonista na sociedade em que vive.

Dessa forma, o educador deve primeiramente conscientizar-se de que é fundamental estar bem informado, buscando aperfeiçoar o seu desempenho profissional, além de inovar as práticas pedagógicas, dominar as novas tecnologias de ensino, pensando nas grandes transformações que o mundo vive e, nas expectativas dos alunos que nele estão inseridos. O professor deve participar de cursos, palestras e seminários que contribuam para enriquecer suas metodologias, uma vez que, é na formação continuada que ele adquire novos conhecimentos e, ainda reflete sobre sua prática docente. Nesse contexto, Freire P. (1991, p. 58) destaca que “[...] ninguém nasce educador ou marcado para ser educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”.

Atualmente a formação continuada se faz necessária porque os educadores enfrentam novos desafios, desafios estes completamente diferentes daqueles encontrados nas épocas passadas. Ocorreram constantes mudanças sociais, culturais e tecnológicas na sociedade em que estamos inseridos, no entanto a globalização, a informática e todas as novas tecnologias se tornaram um grande desafio para os educadores. As informações passaram a circular muito rápido, dessa forma, não é mais permitido que as práticas escolares estejam voltadas apenas para a decifração de sinais, mas é preciso que os alunos compreendam os significados, os usos das palavras, nos diferentes espaços comunicativos, em diversos contextos sociais, para que os mesmos se tornem sujeitos letrados, capazes de se posicionarem criticamente frente as discussões que veiculam na sociedade. Essas transformações exigem um novo perfil dos profissionais da educação, faz-se necessário que o professor saiba conviver com a informação e transforme-a em conhecimento, que repense suas ações e reaproxime sua relação com o saber e à cultura.

Os cursos de formação inicial e continuada precisam capacitar os educadores a utilizarem as tecnologias digitais, pois as mesmas possibilitam aos alunos e professores a interação, comunicação, a busca de informações, como também a diversão através de jogos, atividades dinâmicas e interativas que proporcionem a produção do conhecimento. Libâneo (2011), ressalta que,

A escola de hoje precisa propor respostas educativas e metodológicas em relação a novas exigências de formação postas pelas realidades contemporâneas como a capacitação tecnológica, a diversidade cultural, a alfabetização tecnológica, a superinformação, o relativismo ético, a consciência ecológica. Pensar num sistema de formação de professores supõe, portanto, reavaliar objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino, diante da realidade em transformação. (LIBÂNEO, 2011, p. 80)

A qualificação profissional tem a finalidade de colocar os profissionais frente às discussões teóricas atuais, propondo novas metodologias que atendam às exigências da sociedade moderna. Dessa forma, o uso das tecnologias digitais por fazer parte da linguagem cotidiana dos alunos, é um instrumento significativo que facilita a aprendizagem, uma vez que integra, contextualiza os conteúdos escolares de uma forma que os alunos compreendam as relações existentes entre os assuntos estudados, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual e cultural.

Santos L. (2002, p. 93) destaca que “muitas vezes a rotina e a repetição fazem o conhecimento prático tornar-se tão espontâneo que os professores não mais refletem sobre o que estão fazendo”. Geralmente, o professor utiliza as mesmas metodologias e atividades durante anos, sem adaptar à realidade de cada turma, não sentam para planejar, pois a aula já está pronta, segue aquele mesmo modelo do passado sem nenhuma transformação. Pereira e Martins, (2002, p. 121) afirmam que “não há práticas prontas e acabadas, mas práticas construídas de acordo com as demandas, carências e necessidades que são postas socialmente”.

Uma formação profissional duradoura e contínua pode favorecer ao professor um melhor preparo para atuar na profissão, fortalecendo sua prática docente cotidiana, pois o perfil do aluno de hoje, já não é o mesmo do aluno do passado, ele já não tem mais paciência para sentar uma aula inteira e, apenas ouvir o professor transmitir o que sabe, de forma mecânica e descontextualizada.

Em um mundo tão agitado por conta dos avanços tecnológicos e da globalização, onde os alunos encontram uma diversidade de informações nos vários meios de comunicação que circulam socialmente, os educandos perderam o estímulo de frequentar a escola, assim é primordial que os educadores utilizem estratégias diferenciadas e inovem as suas práticas possibilitando tornar as aulas mais envolventes e participativas.

Portanto, podemos perceber que a formação docente não se limita apenas ao processo inicial, mesmo o professor passando pelo curso de licenciatura que o torna apto a atuar na sala de aula, é preciso reforçar a formação em exercício, pois só a formação inicial não garante que o docente esteja pronto para exercer a profissão, uma vez que a sociedade passa constantemente por grandes transformações e, a educação precisa acompanhá-la. É necessário ir além, através da formação contínua e permanente em busca de novos aprendizados que proporcione melhores práticas.

## 2.2 Importância do planejamento na formação do sujeito letrado

O ato de planejar é uma realidade que sempre acompanhou a trajetória histórica da humanidade. Sabemos que para obtermos êxito em qualquer atividade que pretendemos realizar, devemos planejá-la afim de que ela possa desenvolver-se de uma forma organizada e, aconteça da melhor maneira possível. Se em qualquer atividade da nossa vida é necessário um planejamento, no contexto escolar não deve ser diferente, é fundamental que o professor, além de ter em mente os conteúdos que irão ser trabalhados e, a aula a ser ministrada, ele precisa ter em mãos um plano de aula por escrito, como um norteador da ação pedagógica. Sabemos que esse não é o único instrumento necessário para se obter uma educação de qualidade, mas deve ser um grande aliado do educador, pois certamente contribuirá para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais produtiva e significativa.

Apesar da grande importância do planejamento de aula, muitos professores ainda insistem em aplicar aulas improvisadas, realizando atividades de forma mecânica, sem sentido, tornando o processo de ensino-aprendizagem comprometido e prejudicado, pois, as atividades acontecem de forma alienada e desorganizada, não ocorrendo uma conciliação com o tempo disponível, dentre outras coisas.

Segundo Libâneo (1994, p. 222) o planejamento tem uma grande relevância por tratar-se de “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Percebe-se a importância de planejar, é preciso que a ação docente se junte aos problemas encontrados no contexto social em que os educandos estão inseridos, buscando com essa inclusão, uma aprendizagem mais significativa, pois os discentes sentirão mais facilidade ao estudarem conteúdos que estão voltados para as suas realidades, as quais convivem em seu cotidiano. Segundo Freire (1989, p. 8), “aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo aprender ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Nesse contexto, Martins P. (1996, p. 78) destaca que “a necessidade de articular os conteúdos escolares com a realidade e os interesses práticos dos alunos e, a busca de realizar um ensino comprometido com as classes trabalhadoras tem sido o centro das preocupações”. O educador tem o dever de mediar o conhecimento dos discentes por meio da interação social, assim, o papel do professor não é apenas o de transmitir informações, mas ele pode contribuir no processo ensino-aprendizagem, trocando experiências com os educandos, colocando-se como aprendiz. A autora considera a realidade do aluno como ponto de partida para o

desenvolvimento, pois, o conhecimento é produzido através da prática social. Menegola e Sant'anna (2001), ressaltam que,

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem a ser criador de sua história. (MENEGOLA e SANT'ANNA, 2001, p. 25)

Podemos perceber a educação como um fator primordial para a emancipação do indivíduo e o planejamento é uma ferramenta indispensável para o avanço desse processo, pois este favorece a organização das ações pedagógicas, como também determina uma metodologia de sequência lógica, que contribui nos resultados futuros do ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos tornarem-se sujeitos reflexivos e autores da sua própria história.

O educador ao elaborar o planejamento precisa pensar em atividades que promovam o letramento dos educandos, como também inovar as suas metodologias, procurando utilizar a leitura e a escrita de uma forma mais significativa, de modo que apresente relevância para o desenvolvimento social, cultural e intelectual dos alunos, de maneira consciente, onde possam intervir na realidade, assim, professor e discentes poderão construir juntos o conhecimento.

Nos dias atuais, uma das maiores dificuldades encontradas nas escolas trata-se da leitura e produção de texto, os alunos não se interessam pela leitura e dessa forma não adquirem o hábito de ler, na maioria das vezes isso acontece pela falta de motivação dos pais ou da escola. É preciso que o professor proporcione aos alunos o convívio e o uso de variados gêneros textuais que circulem na sociedade, textos estes que estejam de acordo à faixa etária dos educandos, como também voltados para as suas realidades.

Os PCN's, (1998) destacam que,

O discurso quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (PCN's, 1998, p. 21).

Podemos perceber que para ocorrer interação, o professor não deve trabalhar com frases soltas e isoladas, sem nexos. É fundamental que ele inclua no planejamento de aula, uma diversidade de textos que sejam veiculados e discutidos na sociedade, para que o aluno se

apropriar e utilizar em suas práticas sociais, assim, ele poderá expressar-se de forma independente e autoral, com clareza e domínio da linguagem oral e escrita. Para Antunes (2003, p. 67) “a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita”. A leitura é capaz de promover a interação entre os sujeitos, mas é preciso que esta seja interpretada, compreendida e não fique apenas na decodificação dos símbolos gráficos. Ao ler, o aluno já carrega um conhecimento do mundo que o cerca e esse conhecimento deve ser respeitado e explorado para dialogar com o texto lido.

O planejamento educacional, em grande parte das instituições de ensino, tem sido uma prática completamente distante da realidade social dos educandos, marcado por um ensino tradicional, mecânico, repetitivo, que não contribui de forma alguma para tornar os alunos letrados, ou seja, para a formação do cidadão crítico, reflexivo, que posteriormente possa exercer cidadania com plena consciência de seus direitos e deveres.

Infelizmente, na maioria das escolas os professores ainda fazem uso apenas da leitura da palavra e deixam de lado a leitura de mundo que o aluno já carrega consigo e, o educador tem a oportunidade de utilizar essa experiência do discente para questionar, refletir e fazer com que esse conhecimento que ele já possui se desenvolva ainda mais. Se ao planejar o docente não pensar em utilizar estratégias diferenciadas como estas, o educando certamente não terá interesse nenhum, pois está distante da sua vivência e realidade. O aluno só se tornará um leitor fluente se a leitura for significativa, contribuindo para um melhor aprendizado dos educandos.

Valorizar o que os alunos já conhecem, ou seja, o conhecimento prévio e promover o diálogo em sala de aula, além de fortalecer a relação professor-aluno, ao articular as experiências dos educandos com o texto lido, os mesmos passarão a refletir sobre o mundo a sua volta, tornando-os capazes de transformarem a realidade. Freire (1996, p. 21) ressalta que “não há docência sem discência”. É através da leitura que a interação acontece e o professor deve ser o mediador do ensino e aprendizagem. Em se tratando do papel do docente, Geraldi (1984) entende a leitura como ponto de partida para o professor provocar reflexões, fazer perguntas, como também argumentar, gerando assim, um diálogo significativo para a construção do conhecimento dos alunos.

Pensando em promover o letramento dos discentes, ou seja, trabalhar a leitura e a escrita como prática social, é fundamental que o docente elabore um planejamento bem feito, a partir de aulas interativas e dinâmicas, com a finalidade de envolver os educandos nas atividades propostas, onde o ato de ler e escrever não fique apenas na decifração, mas que os alunos reflitam sobre o que leram e escreveram. O planejamento é um recurso imprescindível

para a estruturação do trabalho pedagógico, através dele o professor saberá o que ensinar, como ensinar e, também como avaliar o que ensinou. É interessante que o professor investigue o que a turma já conhece sobre os conteúdos que serão apresentados, dessa forma, as atividades poderão ser planejadas de modo que ampliem e proporcionem a aquisição de novos saberes.

É possível perceber que através da prática de leitura o educando desenvolve a imaginação, a criatividade e a sua visão de mundo é ampliada, podendo enriquecer também o seu vocabulário. Ele terá mais facilidade para produzir textos, pois, adquire certa familiaridade com o mundo da escrita; passando a observar a coesão e a coerência textual, uma vez que o leitor poderá compreender a organização das palavras, dos parágrafos e ordem de ideias, além de conquistar novos conhecimentos que possibilitarão tornar-se produtor crítico e proficiente. Faz-se necessário destacar o papel da leitura na produção do texto:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (PCNs, 1997, p. 53).

Fica claro na citação que é por meio da leitura que o aluno poderá tornar-se um bom escritor, pois o texto serve de modelo, podendo comparar o seu pensamento com as ideias do autor, além de contribuir para o seu crescimento intelectual que favorecerá o desenvolvimento da sua habilidade reflexiva.

O docente comprometido com uma aprendizagem que prepare para a cidadania, ao planejar suas aulas precisa organizar e adequar propostas e estratégias efetivas de leitura, levando em consideração o ato social de ler e escrever, de modo que prepare os discentes para a vida, prontos para participarem de variadas situações de comunicação em diferentes contextos sociais, fora do ambiente escolar.

Geraldi (2006, p. 64) destaca que “o texto deve servir de pretexto para a prática de produção de textos orais ou escritos”. O professor precisa levar para a sala de aula uma diversidade de gêneros textuais que veiculam socialmente e depois de fazer a leitura com os alunos, é fundamental que aconteça uma interpretação, reflexão, respeitando o conhecimento que os mesmos já possuem, a partir daí poderão começar a produzir, pois a prática de produção de vários gêneros proporcionará ao discente a capacidade de construir diferentes textos sociais através da escrita.

A produção textual tanto oral como escrita deve ser entendida como conteúdo imprescindível a ser explorado nas aulas de Língua Portuguesa. É necessário que o professor proporcione aos alunos diversas situações que possam despertar o gosto pelo falar e escrever e, especialmente que, adquiram o hábito de produzir textos. Se o educador pretende que os alunos produzam uma carta, é preciso que antes ele leve para a sala de aula vários tipos de cartas para que os mesmos possam conhecer a estrutura e as características inerentes ao gênero. No seu planejamento precisa estar atento a todos estes detalhes, que objetivo deseja com os conteúdos e estratégias traçadas para que consiga o resultado esperado.

O trabalho com uma diversidade de gêneros presentes na sociedade pode fazer com que as aulas se tornem mais envolventes e significativas, além de desenvolver nos alunos sua competência leitora e proporcionar aos mesmos certos preparos para fazer uso da comunicação, participando da interação social. É fundamental que a prática de leitura e escrita seja entendida como partes indissociáveis, pois, estas contribuirão para a autonomia e senso crítico-reflexivo do aluno.

Para que a leitura e a escrita sejam trabalhadas através da interação e de forma produtiva, como prática social, é importante que o docente elabore o planejamento, pois este deve estar relacionado ao projeto político pedagógico da escola, uma vez que, é através desse instrumento que as ideias podem ser organizadas e colocadas em prática, levando em consideração as vivências e as necessidades dos alunos. Segundo Menegola e Sant'Anna (2001, p. 43), “parece ser uma evidência que muitos professores não gostem e pouco simpatizem em planejar suas atividades escolares. O que se observa é uma clara relutância contra a exigência de elaboração de seus planos”. Apesar da grande importância do planejamento para o avanço na educação, ainda existem professores que preferem não planejar suas aulas, muitas vezes por achar que já tem uma certa experiência e, tudo o que vai ser desenvolvido já está pronto na mente, preferem aplicar aulas improvisadas, se apegando apenas ao livro didático, sem adaptar os conteúdos às reais necessidades dos discentes.

Em algumas escolas o trabalho com produção de texto ainda acontece de forma mecânica e tradicional, priorizam a linguagem fora de seu contexto de uso. Nessa perspectiva, Geraldini (1984) destaca,

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos tem se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isto, e, se quiser, poderá guardar redações feitas na 5ª série para novamente entregá-las ao professor de 6ª série, na época oportuna; no início do ano, o título infalível “Minhas férias”, em maio, “O dia das mães”, em junho “São João”,

em setembro, “Minha Pátria”, e assim por diante... Tais temas além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança passa a pensar que só se escreve sobre estas “coisas” (GERALDI, 1984, p. 54).

Muitos professores ainda insistem em colocar os alunos para produzirem textos voltados para as datas comemorativas, textos estes que fogem completamente do sentido de uso da língua, na verdade, são escritos apenas para o professor, com um único propósito, o de avaliá-lo. O educador deve ensinar os alunos para a vida, possibilitando que eles usem o conhecimento fora da escola.

O trabalho com a produção escrita não deve acontecer de qualquer forma, onde os alunos escrevem simplesmente por escrever. Muitas vezes, as aulas acontecem sem nenhuma preparação, propõem que o aluno escreva alguma coisa simplesmente para passar o tempo, para cumprir o horário da aula. O docente precisa elaborar o plano de aula pensando em atividades que tenham significado para o aluno, a partir de textos carregados de sentido, que levem o mesmo à reflexão e, ao escrever possam expressar o seu ponto de vista, tornando-se um escritor competente, preparado para participar de variadas situações de comunicação. Freire C. (2013, p. 151), ressalta que “o educador precisa ter um planejamento que deve ser flexível e que expresse uma prática pedagógica preocupada com a formação crítica do sujeito, não apenas em transmitir conhecimentos”.

O professor é o mediador da aprendizagem, ele não é o detentor do saber, não sabe tudo simplesmente por ser professor, a aprendizagem acontece coletivamente, na interação, principalmente com os alunos. Contudo, o docente carrega a responsabilidade de mudar a realidade da sala de aula, investindo em novas estratégias para se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa, observando as dificuldades encontradas nos alunos, procurando inovar as práticas de leitura e escrita para que estas aconteçam de forma mais dinâmica e interativa, promovendo o efetivo letramento.

Muitas escolas ainda não fazem uso de uma diversidade de textos nas aulas, na maioria delas o ensino de gramática acontece através de métodos tradicionais, sendo o ensino de Língua Portuguesa entendido como um sistema fragmentado, onde as aulas são direcionadas às regras gramaticais, em que os alunos são obrigados a decorar e acabam achando as aulas chatas e cansativas.

Antunes (2003) faz uma crítica a esse tipo de aula, destacando o ensino de uma gramática descontextualizada, sem nenhuma ligação com os usos reais da língua. Uma gramática isolada, com frases soltas, sem nexos, direcionada apenas para a nomenclatura, fora do contexto, que não se preocupa com o crescimento intelectual e comunicativo dos falantes.

“Enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, [...] os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, [...], sujeitos inexistentes”. (ANTUNES, 2003, p. 13).

Dessa forma, os alunos sentirão dificuldade em se expressar, não serão capazes de posicioná-los criticamente frente às informações que lhes são apresentadas, assim, ficarão à margem da sociedade. Pesquisadores ressaltam que se a instituição de ensino não utilizar novos métodos para ensinar a gramática os alunos concluirão o ensino básico sem nenhum domínio da língua materna. (MENDONÇA, 2006, p. 11) enfatiza que “nas últimas duas décadas, [...], vem se firmando um movimento de revisão crítica dessa prática, [...] o que faz emergir a proposta da prática de análise linguística (AL) em vez das aulas de gramática”. A Análise Linguística aparece como uma possibilidade para acrescentar às práticas de leitura e produção de texto, favorecendo reflexão de forma consciente sobre os fenômenos gramaticais e textuais discursivos que vão além dos usos linguísticos tanto no momento de ler ou ouvir como na produção de textos refletindo esses mesmos usos da língua.

Diante desse contexto, fica evidente que ao planejar as aulas, o professor deve incluir metodologias inovadoras, a partir da gramática contextualizada, baseando-se no ensino de análise linguística, pois o mesmo irá contribuir para a formação de um cidadão preparado para agir e interagir em sociedade, consciente dos seus direitos e deveres, pronto para intervir nas discussões que circulam socialmente sempre que necessário. Entretanto, para formar um leitor e escritor crítico é preciso que o professor aceite as mudanças em suas práticas pedagógicas, procure inovar suas aulas, saindo da rotina dos métodos tradicionais, utilizando o texto como objeto de estudo, para refletir sobre os usos linguísticos, adaptando-os às realidades socioculturais do público estudantil em foco.

Portanto, o planejamento não deve ser elaborado simplesmente para atender as exigências da escola, mas é preciso que ele seja concretizado e contribua para que se obtenha resultados significativos para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos educandos. É fundamental que ao elaborar o planejamento, o professor pense em atividades que desenvolvam as práticas de letramento por meio de métodos diferenciados, utilizando uma variedade de gêneros, além de considerar a bagagem social de conhecimentos que os alunos já possuem, para que as aulas se tornem mais participativas, ou seja, que os alunos demonstrem interesse pelo ensino-aprendizagem, havendo uma maior interação entre professor e educandos. Assim, ações que promovam a formação de leitores e escritores criativos e autônomos são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### **3 O DECURSO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA**

Para desenvolver uma discussão a respeito das “Práticas de letramento nas séries finais do Ensino Fundamental do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA” e, para que o trabalho apresente um resultado significativo é necessário definir procedimentos metodológicos coerentes com os objetivos da investigação proposta.

Dessa forma, apresentamos neste capítulo as opções metodológicas que nos serviram de base na realização da pesquisa e, o caminho por nós trilhado na construção desse processo, está estruturado em cinco seções: na primeira, apontamos os pressupostos teórico-metodológicos, abordando os tipos de estudo utilizados durante esse percurso, na segunda mostramos os procedimentos metodológicos, ressaltando tanto os tipos de pesquisa, como também as técnicas de coleta de dados. Na terceira seção caracterizamos o local onde ocorreu a investigação, na busca das informações necessárias, na quarta apontamos o perfil dos sujeitos participantes que colaboraram para que esse trabalho fosse realizado e, finalmente, na quinta seção, analisamos os dados gerados a partir dos questionários respondidos pelos professores e alunos.

#### **3.1 Pressupostos teórico-metodológicos**

A pesquisa é uma necessidade humana que faz parte do nosso cotidiano, constantemente estamos precisando obter informações sobre determinado assunto e quando isso ocorre recorremos a essa ferramenta que, tanto contribui para enriquecer nossos conhecimentos. O professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, ao preparar suas aulas, precisa pesquisar, buscar o conhecimento para interagir com os alunos, da mesma forma os educandos devem ser orientados à pesquisa, com o propósito de adquirir novos aprendizados e aperfeiçoar aqueles que já existem. Portanto, pesquisar é buscar novos esclarecimentos a partir daqueles já existentes, como também olhar para uma direção e se defrontar com o novo. Pádua (1996) ressalta que,

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações. (PÁDUA, 1996, p. 29)

Nesse contexto, para se adquirir as informações esperadas é fundamental que se busque as pesquisas, pois é por meio dos conhecimentos adquiridos que podemos entender os problemas encontrados e procurar soluções para transformar a realidade. Dessa forma, para que a pesquisa aconteça é necessário utilizar um suporte de procedimentos metodológicos apropriados, que os aproximem do objeto de estudo. Em todo trabalho de natureza científica é fundamental determinar qual o tipo de metodologia será utilizado.

A metodologia é definida da seguinte forma: como a discussão epistemológica a respeito do caminho do pensamento que o tema ou o objeto de pesquisa solicita; como a apresentação apropriada e verdadeira dos métodos, técnicas e dos mecanismos produtivos que devem ser utilizados para as buscas relacionadas às investigações; como a criatividade do pesquisador, ou seja, a sua forma pessoal de estruturar teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às investigações específicas (MINAYO, 2007).

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa, pois o mesmo não leva em consideração a quantidade, mas se preocupa com a interpretação, de modo aprofundado, ou seja, como ela será compreendida pelas pessoas. Este método procura explicar a causa das coisas, investigando o que precisa ser feito sem apontar os números que se limitam a prova de dados, pois os dados examinados por este método não estão fundamentados em números.

Segundo Silva e Menezes (2005, p. 20), a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade [...] que não pode ser traduzido em números”. Nesse contexto, a compreensão dos fatos e a atribuição de sentidos são fundamentais no método de pesquisa qualitativa, não busca, portanto, o uso de procedimentos estatísticos. O espaço natural é o ponto de partida para coleta de dados e, o pesquisador é o instrumento principal para a realização do trabalho.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo adquirir dados com o propósito de entender as atitudes, motivações e comportamentos de um determinado grupo de pessoas. Tem a finalidade de compreender o problema do ponto de vista deste grupo em questão, geralmente ela parte de dúvidas mais amplas, que só vão tomando uma forma definida, conforme for desenvolvendo o trabalho. Conforme Minayo (1994) a pesquisa qualitativa,

“[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1994, p. 22)

Dessa forma, no presente estudo sobre um tema tão complexo como o letramento, optamos pela metodologia qualitativa que prestigia a busca do significado e da compreensão, objetivando produzir conhecimentos aplicados a um contexto específico.

A pesquisa qualitativa é geralmente de caráter exploratório, pois tem como objetivo possibilitar maior familiaridade com o problema, podendo torná-lo mais compreensível. Grande parte dessas pesquisas inclui levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado, como também análise de exemplos que incentivem a compreensão. (GIL, 2007). Sendo assim, a pesquisa qualitativa foi aplicada com a finalidade de compreender se as práticas de leitura e escrita promovem o letramento dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA.

A partir das perspectivas dos processos metodológicos utilizados, o tipo de pesquisa que melhor se adequa a essa verificação é o Estudo de Caso. Como destaca Martins G. (2008), para se conseguir bons resultados no estudo de caso, o mesmo precisa exibir indicadores de confiança e ter sido direcionado por um protocolo planejado e detalhado. A função do pesquisador tem importância quando está marcado por um trabalho crítico e criativo, relatando, interpretando, esclarecendo e articulando confirmações. O estudo de caso para ser satisfatório deve ter os limites entre ele e o fenômeno visivelmente definido.

O estudo de caso objetiva analisar com grande intensidade o objeto estudado. Nessa metodologia toma-se como fator principal o conhecimento particular desse objeto, porém, o mesmo deve estar bem definido para o pesquisador que irá aplicá-lo, evitando que o desenvolvimento da pesquisa ocorra por meio de um histórico em que se adquire informações incoerentes, imprecisas. Yin (2010) ressalta que,

[...] o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. (YIN, 2010, p. 39)

Nesse contexto, esse tipo de pesquisa que aplica as técnicas do estudo de caso precisa passar primeiro por um planejamento detalhado, além da necessidade de um excelente referencial teórico que traga embasamento sobre o fenômeno a ser pesquisado e, todas as atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa, até resultar em um relatório final.

Good e Hatt (1973) assevera que o estudo de caso pode ser identificado como o estudo profundo de um objeto, de modo a permitir um conhecimento extenso e detalhado sobre o

mesmo, o que seria impossível por meio de outros métodos de verificação. Conforme os autores, o estudo de caso caracteriza-se como uma forma de organizar dados e agrupar numerosas informações sobre o objeto de estudo, de maneira a conservar sua aparência unitária. A totalidade do objeto pode ser preservada através da grandiosidade dos dados, por meio de variados graus de análise, da construção de índices e tipos de dados, como também da relação entre os dados verificados e a proporção momentânea em que ocorre o fenômeno.

Portanto, essa modalidade de pesquisa, Estudo de Caso, ocorreu por meio de questionários respondidos por 03 professores e 17 alunos, correspondendo a 10% dos 168 educandos das turmas dos anos finais do Ensino Fundamental dos turnos matutino e vespertino, e das observações que foram realizadas para comprovar se as respostas, tanto dos educadores como dos discentes, correspondiam com à realidade da prática pedagógica utilizada na rotina da sala de aula, a partir daí foi feita a análise dos dados, através das informações colhidas durante a pesquisa.

### **3.2 Procedimentos metodológicos**

Nesta seção abordamos tanto os tipos de pesquisa, como também as técnicas de coleta de dados, abrangem também os métodos para a investigação que envolvem grupos de pessoas, além de mostrar como concretizar a pesquisa, identificando seus trajetos e as técnicas que serão empregadas em cada um deles.

Ao iniciarmos esse estudo utilizamos a pesquisa bibliográfica, pois esta tem a finalidade de esclarecer dúvidas através de teorias divulgadas em variados tipos de fontes, como livros, artigos, enciclopédias, dissertações, teses, meios eletrônicos, entre outros. Esse tipo de pesquisa é de grande relevância para se adquirir conhecimentos sobre um determinado tema ou assunto. Moroz e Gianfaldoni (2006, p. 31), ressaltam que “[...] a realização do levantamento bibliográfico consiste na seleção de obras que se revelam importantes e afins em relação ao que se deseja conhecer”. Dessa forma, procuramos elementos teórico-metodológicos que nos propiciaram recursos para conhecermos melhor o termo letramento, palavra utilizada a pouco mais de duas décadas, mas que vem causando grandes discussões nos espaços escolares e nos meios sociais. Buscamos também uma base teórica que nos permitissem compreender quais as práticas pedagógicas que contribuem para a formação de sujeitos autônomos, letrados e autores de suas próprias histórias.

Uma das técnicas utilizadas na pesquisa foi a aplicação dos questionários que serviram de ferramenta para a coleta de dados, estabelecido por uma sequência organizada de perguntas que foram respondidas por escrito pelos sujeitos da pesquisa, sem a interferência das investigadoras, sendo que os participantes foram três professores das séries finais do ensino fundamental, dos turnos matutino e vespertino, como também dezessete alunos, correspondendo a um total de 10% dos discentes que fazem parte dessas turmas. Oliveira (1997) destaca que o questionário apresenta as seguintes características: deve ser a espinha dorsal de qualquer levantamento; deve englobar todas as informações indispensáveis, não deve conter nem mais nem menos; além de possuir uma linguagem adequada.

A linguagem utilizada nos questionários foi clara e direta, para que os participantes da pesquisa respondessem com compreensão o que estava sendo indagado. O questionário dos docentes das séries finais do Ensino Fundamental do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, foi composto de 17 perguntas que visavam coletar dados sobre as suas práticas pedagógicas e, se as mesmas contribuem para promover o letramento dos alunos. O questionário dos discentes foi constituído por 12 questões, com a finalidade de buscar informações sobre as experiências vivenciadas pelos educandos em relação as atividades propostas, como também, descobrir se a leitura e a escrita vem sendo utilizada como prática social. Inicialmente fomos no colégio em dias alternados, conforme a distribuição das aulas em cada turma, distribuimos os questionários para professores e alunos para serem respondidos e entregues na data proposta. Tanto o questionário dos professores, como o dos alunos foram elaborados com questões abertas, pois dessa forma os respondentes ficam livres para se expressarem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre uma lista de opções.

Durante esse percurso percebemos que apenas a aplicação dos questionários seria insuficiente para o processo de investigação, onde fez-se necessário utilizar o método da observação, uma vez que, o mesmo foi bastante relevante a essa pesquisa, por ser um procedimento de coleta de dados que tem como finalidade conseguir informações, que com outras técnicas se tornariam mais complicado ou mesmo impossível. Este método não se baseia simplesmente em ver e ouvir, mas também em avaliar fenômenos ou instrumentos que se pretende estudar.

Vale destacar que na observação o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor compreendê-lo, entretanto utilizamos a observação participante, pois esta permite que o observador participe de atividades cotidianas referentes a uma área da vida social, com a finalidade de estudar um problema através da observação de acontecimentos em

seus contextos naturais (GIVEN, 2008). Nessa perspectiva, necessitávamos observar se as práticas pedagógicas contribuíam para promover o letramento dos alunos, como também analisar se as respostas dos professores e educandos colhidas nos questionários correspondiam com a realidade vivenciada na rotina da sala de aula.

A observação participante é um dos métodos bastante utilizados pelos pesquisadores que escolhem a abordagem qualitativa e baseia-se na integração do pesquisador no local observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, procurando conhecer o seu cotidiano para reconhecer o que significa estar naquela condição.

Antes das observações e da aplicação dos questionários foi preciso conversar com a diretora e a vice-diretora, com a finalidade de receber a autorização para à realização da pesquisa, nesse dia também colhemos informações sobre a quantidade de professores e das turmas que faziam parte das séries finais do ensino fundamental. Durante o estudo tivemos algumas conversas informais com os professores e alunos que participaram da pesquisa, com a vice-diretora, secretária, entre outros.

O levantamento dos dados ocorreu através da análise descritiva dos questionários respondidos pelos professores e alunos colaboradores dessa pesquisa e das observações, que por meio dos mesmos conseguimos obter informações que nos permitissem responder ao problema principal da investigação. Para analisarmos as informações colhidas que precisam ser relatadas, refletidas e compreendidas escolhemos a análise de conteúdo como processo metodológico, por explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, através de conclusões coerentes e concretas, tendo como referência sua origem, ou seja, quem enunciou e, o contexto da mensagem, mostrando a sua finalidade.

Segundo Godoy (1995), a análise de conteúdo prioriza as formas de comunicação oral e escrita, mas, isso não quer dizer que deva excluir outros meios de comunicação. Qualquer informação que esteja relacionada a um conjunto de interpretações de um emissor para um receptor pode ser representada pelas estratégias de análise de conteúdo.

### **3.3 Caracterização do lócus da pesquisa**

O Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, que serviu de palco para esta pesquisa recebeu esse nome em homenagem ao padroeiro da cidade. Foi fundado em 28 de fevereiro de 1964, sua esfera administrativa é Municipal, está localizada na Rua Durval Gama, nº 207, centro, na cidade de Várzea do Poço, situada no interior baiano. A estrutura

física inicial era de (05) cinco salas de aula, sendo que (01) uma destas salas funcionava como capela. Sua primeira diretora foi a Profª. Sinésia Gonçalves Lopes de Carvalho.

A escola atende alunos do Ensino Fundamental II, e da EJA, sendo que estes compõem uma demanda diversificada, são alunos da zona rural e urbana, em idade regular e com distorção, alguns repetentes por motivos variados como o abandono escolar oriundo da opção pelo trabalho, da falta de perspectiva de vida, como também da dificuldade de leitura e escrita e das necessidades educacionais especiais que trazem consigo.

Atualmente o espaço físico construído dessa escola é composto por (08) oito salas de aula; (01) uma sala dos professores, climatizada; (01) uma sala de coordenação; (01) uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado); (01) uma sala de informática com (35) trinta e cinco computadores; (01) uma sala de direção; (01) uma sala de vídeo; (01) uma secretaria; (06) seis banheiros, sendo (02) dois para os alunos; (02) dois para os professores; (01) um para a coordenação e (01) um para os alunos especiais.

Além dos espaços já descritos, a escola possui dois pequenos pátios cobertos que se destinam à realização de atividades extraclasse, como culminâncias de projetos, comemorações, apresentações teatrais, entre outros. A instituição não tem área de lazer, durante o recreio os alunos ficam nestes pequenos pátios cobertos; espaço este muito pequeno, o que torna o intervalo tumultuado e barulhento. Nesse espaço escolar também se encontra a sala de leitura, onde os professores levam os alunos para fazer pesquisas, os livros podem ser levados para casa sempre que precisarem, mas os alunos devem responsabilizar-se em devolver no prazo combinado.

A cozinha, também denominada cantina, é o local onde prepara os lanches ou refeições da escola, em seu interior encontra-se um fogão, uma geladeira, um armário para guardar os mantimentos e os utensílios utilizados na cozinha, como panelas, pratos, talheres e copos. O lanche é distribuído no refeitório que fica ao lado da cantina, sendo este um espaço bem estruturado, contendo (02) duas mesas grandes fixas, (04) quatro bancos grandes, (02) duas geladeiras, (03) três armários de parede, (01) um fogão industrial de quatro bocas, (03) três pias com portas de acrílico.

Os computadores da escola pesquisada no momento estão sem uso por falta de manutenção. Apesar de reconhecer a importância de levar as novas tecnologias para a sala de aula, grande parte das instituições de ensino possuem os aparelhos, mas não dispõem de uma assistência técnica, assim os mesmos ficam jogados, sem utilidade nenhuma. A sociedade está passando por grandes transformações e avanços tecnológicos, dessa forma, é preciso que a escola inclua a linguagem virtual e agregue esta tecnologia de maneira inovadora, como fonte

de pesquisa, mostrando uma variedade de textos semióticos e multimodais, fazendo com que os alunos reflitam e interpretem, apropriando-se dos múltiplos letramentos.

A escola dispõe de (01) um datashow, (01) um televisor, (01) um vídeo, (01) um notebook, mapas, esqueletos, (20) vinte jogos de xadrez, (20) vinte damas, (08) oito ábacos, (08) oito discos de frações, (08) oito mosaicos geométricos, (08) oito régua de frações, (08) oito sequências lógicas, (01) um episcópio, (02) dois aparelhos de som, (02) dois globos, (01) um microscópio, (01) um aparelho de DVD, (01) uma planetária, (01) uma caixa de som amplificada, (06) seis armários, (4) quatro arquivos, (2) duas estantes, (2) dois armários grandes na sala do professor, (01) uma mesa grande com oito cadeiras na sala do professor, (04) quatro bebedouros, quadros brancos em todas as salas, com condições de uso e são utilizadas como recursos inovadores das aulas, bem como, nas atividades extraclases.

Quanto ao quadro administrativo da escola, este está organizado, em torno de seu funcionamento e da quantidade de alunos que atende. Temos 01 diretora geral, 01 vice-diretora, 01 coordenador (Fundamental II) e 01 coordenador (EJA), 01 secretário administrativo e 03 agentes de portaria. O quadro docente é composto por 33 professores distribuídos nos três turnos de seu funcionamento, além de 12 monitores do programa “Novo Mais Educação”.

A escola funciona em três turnos e atende 444 alunos, distribuídos da seguinte forma: **Matutino** – Ensino Fundamental II (6º ao 9º) 08 turmas – 235 alunos. **Vespertino** – Ensino Fundamental II (6º ao 9º) 07 turmas – 177 alunos. **Noturno** – EJA – Educação de Jovens e Adultos – 02 turmas dos eixos IV e V – 32 alunos.

Em uma conversa com a diretora da escola, ela nos informou que os recursos financeiros disponíveis para a efetivação das despesas são oriundos do PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola, PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação/PME – Plano de Melhoria da Educação – FUNDESCOLA e FUNDEB, o controle dos investimentos é feito através de registro em livros, arquivamento de notas fiscais, etc., cujo acompanhamento é feito pelo Conselho Escolar, bem como, a realização de prestação de contas ao setor de contabilidade municipal.

A escola possui um Regimento Escolar, documento este, que é do conhecimento de todos os membros, é divulgado principalmente no início do ano para que todos tomem conhecimento dos seus direitos e deveres, e também é utilizado no trabalho com os docentes, na organização dos funcionários, e para garantir os direitos e deveres de todos inclusive do corpo discente.

A instituição de ensino dispõe há (10) dez anos do Projeto Político Pedagógico, porém, como não foi elaborado de forma participativa, foi reelaborado seguindo os planos de ensino com a participação do Conselho Escolar, sendo assim, ficou definido que este documento terá um prazo de dois anos para sua revisão.

### 3.4 Os sujeitos da pesquisa

Essa pesquisa refere-se a prática pedagógica dos educadores das séries finais do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, por esse motivo definimos o perfil dos profissionais docentes que atuam nessas turmas com a finalidade de conhecê-los. Desse modo, colhemos alguns dados, sendo eles: formação acadêmica; pós-graduação; ano em que terminou o último curso de formação docente (Magistério ou Licenciatura); tempo de experiência profissional; tempo de atuação nessa escola; tempo de experiência na docência da disciplina de Língua Portuguesa.

Todos esses itens acima estavam incluídos no questionário que foi aplicado com os docentes, além das 17 questões sobre à prática pedagógica relacionadas à leitura e escrita. Participaram da pesquisa 03 professores, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino, os mesmos concordaram que quando nos referíssemos a eles, utilizaríamos nomes de espécies de flores.

Dessa forma, **Orquídea** é graduada em Letras Vernáculas, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, terminou o último curso de formação docente em 2012, o tempo de experiência docente é de 5 anos, leciona nesta unidade de ensino a 3 anos, é professora de Língua Portuguesa a 5 anos.

**Hortênsia** é graduada em Letras Vernáculas, pós-graduação, Metodologia em Língua Portuguesa, terminou o último curso de formação docente em 1993, tem 23 anos de experiência docente, trabalha nesta unidade de ensino a 03 anos, atua na área de Língua Portuguesa a 8 anos.

**Camélia** é graduada em Letras – habilitação: Licenciatura Plena em Português e respectivas Literaturas, fez duas pós-graduações, sendo a primeira em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e a segunda, Educação Especial e Inclusiva, a qual foi realizada no ano de 2015, tem 25 anos de experiência docente, uma vez que, nesta unidade de ensino trabalha a 19 anos e, atua como professor de Língua Portuguesa a 14 anos.

No que se refere à formação acadêmica, todos os docentes são licenciados em Letras Vernáculas e, pós-graduados também em Língua Portuguesa. Essas informações representam um índice positivo para a escola, lócus da pesquisa, pois todos os profissionais estão ministrando as disciplinas na área em que são licenciados. Mas, sabemos que isso não é suficiente para obtermos uma educação de qualidade, pois na sociedade contemporânea, onde as informações chegam de forma acelerada por meio das novas tecnologias, os alunos adquirem o conhecimento mesmo fora da escola, dessa forma, o professor precisa atualizar-se sempre, através da formação continuada.

Participaram também dessa pesquisa 17 alunos, correspondendo a 10% do total dos educandos das 06 turmas, que estão distribuídas da seguinte forma: **Matutino** – 8º ano A, com um total de 33 alunos, 8º ano B, 35 alunos, 9º ano A – 27, 9º ano B – 24. No turno **Vespertino** encontra-se uma única turma do 8º ano, com 28 alunos e outra do 9º ano, com 21. Em um total de 168 alunos que fazem parte das séries finais do Ensino Fundamental, dos turnos matutino e vespertino, 78 são do sexo masculino e 90 do sexo feminino. Os participantes da pesquisa responderam um questionário contendo 12 questões, relacionadas às práticas de leitura e escrita, com o intuito de descobrirmos se tais práticas favorecem tornar os alunos letrados. Todos os alunos colaboradores da pesquisa responderam os questionários e devolveram no prazo combinado.

A faixa etária dos discentes varia entre 14 e 17 anos, desses, (24) vinte e quatro dos que estudam no turno matutino são da zona rural e do povoado de Itapoã que fica próximo à cidade de Várzea do Poço. Os alunos em sua maioria são de classe média baixa, grande parte das famílias sobrevive de um salário mínimo e outras de recursos rurais.

### **3.5 Análise de dados**

Na busca de um diagnóstico reflexivo, que represente a realidade da metodologia utilizada pelos professores para promover o letramento dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, faremos uma análise com base nas informações adquiridas através dos questionários respondidos pelos docentes e discentes dos turnos matutino e vespertino, como também das observações feitas durante as aulas.

Com o propósito de estruturar os dados desta pesquisa utilizaremos o método de análise de conteúdo que irá contribuir com os nossos estudos. Conforme Bardin (2011), o termo análise de conteúdo denomina um conjunto de técnicas de análise das comunicações

que visam conseguir, através de mecanismos organizados e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, sejam eles quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção, variáveis inferidas, destas mensagens.

Como registrado acima, para conservar a identidade dos colaboradores da pesquisa, usaremos no decorrer do registro das informações obtidas nomes de espécies de flores para os docentes e as letras do alfabeto para os discentes.

No questionário, achamos relevante perguntar para os professores **“Qual a importância que a leitura tem para a aprendizagem dos seus alunos?”**

**Orquídea:** A leitura serve para despertar o senso crítico e desenvolver a interpretação textual.

**Hortênsia:** Promover intercâmbio de ideias sobre o texto lido, ampliando as experiências do estudante, ajudando a interpretar e argumentar a favor do seu ponto de vista.

**Camélia:** A leitura é a ferramenta básica para a aprendizagem, uma vez que contribui para o aluno desenvolver a sua criticidade, visão de mundo, compreensão da própria linguagem e de si mesmo.

Podemos perceber que os três professores compreendem a leitura como uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois ela é capaz de favorecer aos mesmos aprimorar suas habilidades de comunicação, desenvolver o senso crítico, o qual será imprescindível para o crescimento intelectual dos indivíduos, dessa forma passará a organizar melhor suas ideias, suas opiniões, além de aprimorar seu modo de pensar e agir.

Perguntamos para os alunos **“Qual a importância que a leitura tem para a sua aprendizagem?”**

**Aluno A:** É importante para desenvolver a fala e a escrita, além de estimular a imaginação.

**Aluno B:** Ela traz conhecimento, faz nossa mente se abrir, nos prepara para o dia-a-dia, com a leitura teremos uma imaginação fértil.

**Aluno C:** Aumentar o conhecimento, aprimorar o vocabulário e ajudar em uma construção textual.

Tanto os alunos como os professores em suas respostas demonstraram reconhecer a relevância que a leitura tem para o desenvolvimento crítico, social e intelectual dos indivíduos. Conforme os PCN's (1998), “a leitura como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal” (p. 57). É importante destacar que a leitura vai além dos limites da decodificação, e se essa competência for trabalhada como prática social poderá formar leitores competentes, preparados para participarem ativamente dos acontecimentos da sociedade na qual estão inseridos e, conseqüentemente, exercerem o direito e o dever de transformá-la. Portanto, para que a leitura tenha significado e aconteça de forma interativa, é necessário que o professor esteja disposto a desempenhar o papel de mediador desse processo, despertando a curiosidade do aluno antes de apresentar o texto, valorizando a importância da condição social do ato de ler.

Sabemos que o professor não deve priorizar apenas a leitura da palavra, pois a leitura de mundo é um fator que deve ser levado em consideração no processo ensino-aprendizagem, assim é preciso considerar tudo o que o aluno já conhece, relacionando com os novos conhecimentos que serão adquiridos. Dessa forma, questionamos os professores sobre “**O conhecimento prévio dos alunos ocupa lugar importante na construção de novas aprendizagens?**”

**Orquídea:** Não há como articular conhecimentos prévios com conhecimentos a serem adquiridos.

**Hortênsia:** Os conhecimentos prévios são ferramentas para novas aprendizagens, produzir significado e sentido ao construir novas ideias na construção do saber escolar.

**Orquídea** afirmou em sua resposta que os conhecimentos prévios não devem ser relacionados aos novos conhecimentos que os alunos irão adquirir durante o processo ensino-aprendizagem, o professor demonstrou que em momento algum valoriza as experiências trazidas pelos alunos para a produção do próprio conhecimento. A professora **Hortênsia** ao responder à pergunta mostrou compreender a importância de valorizar e aproveitar a bagagem cultural que os alunos carregam e, esses conhecimentos são adquiridos antes mesmo de frequentar à escola, pois antes de ler a palavra, o indivíduo ler o mundo que está a sua volta, através das imagens, dos objetos, das expressões, dos símbolos, sendo assim, resultado das experiências do nosso cotidiano. Freire P. (2003) destaca que,

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados. (FREIRE, 2003, p. 5-6).

Percebemos que a leitura da palavra não pode desvalorizar o conhecimento de mundo que o leitor possui ao adquirir em seu contexto social, através das suas histórias de vida e de suas experiências. É fundamental que o professor utilize estratégias de leitura que promovam a interação através dos conhecimentos prévios dos alunos, com o propósito de formar sujeitos letrados, capazes de posicioná-los criticamente frente às informações que estão disponíveis em seu meio.

Sabemos que a leitura e a escrita são ações distintas, mas que devem ser trabalhadas conjuntamente, sem a leitura teremos mais dificuldades para escrever um bom texto, pois quando lemos passamos a conhecer melhor sobre o assunto que vamos discorrer, teremos argumentos para nos posicionarmos e questionarmos, além de realizarmos um exercício amplo de raciocínio. Nesse contexto, perguntamos para professores e alunos **“Qual a importância que a escrita tem para a aprendizagem?”**

**Orquídea:** Serve para desenvolver a capacidade de raciocínio, de imaginação e de autonomia intelectual.

**Camélia:** Esta competência é imprescindível para a aprendizagem, com a prática da escrita, o aluno consegue desenvolver melhor a sua inteligência, aprendendo a solucionar, organizar, hierarquizar, comparar e refletir sobre suas ideias. Além de facilitar a comunicação com o mundo.

**Aluno D:** A escrita assim como a leitura é bem importante, porque escrevendo eu posso me comunicar com outras pessoas, até escrever um livro, etc.

**Aluno E:** A escrita é algo fundamental para todos nós, sem ela não somos capazes de fazer basicamente nada.

Podemos perceber que tanto a leitura como a escrita na concepção dos professores e alunos são ferramentas indispensáveis para a construção do conhecimento, mas mesmo tendo consciência da importância de ambas as habilidades, sabemos que as maiores dificuldades encontradas atualmente nas escolas dizem respeito a leitura e a escrita, pois na teoria tudo parece mais fácil, mas quando parte para a prática, a realidade é bem diferente. Durante as observações os professores comentavam sobre essa deficiência encontrada em todas as turmas, uma vez que os alunos sentem dificuldade na interpretação e na produção de textos. Os educadores disseram que trabalham com projetos de interpretação e produção textual, a partir daí eles identificam os maiores problemas e, preparam atividades direcionadas que contribuam para um melhor desempenho do aluno.

Ao perguntar aos professores “**como é a sua proposta de trabalho com gêneros em sala de aula?**” nos deparamos com as seguintes respostas:

**Orquídea:** Proponho estudar os gêneros de forma independente e com pretexto para a gramática.

**Hortênsia:** Trabalha-se de acordo o gênero escolhido, exercitando a capacidade discursiva com a situação proposta, inseridos no contexto social e interacional.

**Camélia:** A metodologia adotada para o ensino de gêneros textuais consiste inicialmente em apresentar as características do gênero em estudo: finalidade, composição, estrutura, perfil dos interlocutores e linguagem para convencer os alunos da importância de estudar o referido gênero. Em seguida, procedemos com a leitura e interpretação de textos dessa modalidade e finalmente partimos para a escrita.

Como mostra a resposta de **Orquídea**, o texto é trabalhado de forma isolada e independente, sem dá uma devida atenção à reflexão e interpretação sobre o que foi lido. A maioria das escolas nas aulas de Língua Portuguesa priorizam o ensino da Gramática Normativa utilizando o texto simplesmente como pretexto para ensinar as regras gramaticais, prejudicando deste modo, o aluno que futuramente terá dificuldade na produção escrita, pois para escrever não basta conhecer as regras, tem que saber utilizá-las nos contextos devidos. No ensino tradicional, as aulas de gramática não têm nenhuma relação com a leitura e a produção textual, onde ocorrem de forma fragmentada, os conteúdos são apresentados isoladamente, através de palavras e frases soltas, desvinculadas do sentido do texto. Essas atividades favorecem as competências linguísticas em que a linguagem é vista como objeto de estudo e não como prática social, o que levaria os alunos a refletir, analisar e compreender. Dessa forma, fica evidente o motivo de tantos questionamentos nas escolas sobre as dificuldades encontradas pelos alunos em relação a leitura e a escrita, pois as mesmas ainda estão sendo utilizadas de forma mecânica e fragmentada, fazendo com que os alunos apenas decodifiquem os sons e não interpretem, sem atribuir nenhum significado para as suas vidas.

**Hortênsia** em sua resposta afirma trabalhar os gêneros textuais de uma forma que desenvolva a capacidade discursiva dos alunos, além de inseri-los em seus contextos sociais e interacionais. Sabemos que é de fundamental importância que o professor leve para a sala de aula textos que façam parte da realidade cotidiana dos educandos, caso contrário não terão motivação nenhuma, uma vez que se escolhe um texto qualquer, em que o mesmo apresenta um caráter avaliativo e punitivo, sendo utilizado, simplesmente, para atribuir uma nota. Pensando em tornar os alunos letrados, capazes de lerem e escreverem com proficiência, é imprescindível que a escola trabalhe com estratégias de produção de gêneros que veiculem na comunidade discursiva, assim os alunos poderão utilizar o conhecimento fora do espaço

escolar, tornando-se preparados para atuar efetivamente na realidade em que vive. Segundo (Brandão, 2002, p. 12) a linguagem é compreendida como um “elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade”.

**Camélia** relata que ao trabalhar com os gêneros textuais primeiro ela apresenta as características inerentes aos mesmos, mostrando a sua finalidade, estrutura, perfil dos interlocutores e linguagem, com a finalidade de mostrar aos alunos a importância de estudar aquele determinado gênero, depois os alunos farão a leitura e a interpretação, em seguida inicia a produção escrita.

Durante as aulas observadas **Orquídea** estava trabalhando com o gênero “Conto”, primeiro terminou de corrigir uma atividade que tinha iniciado na aula anterior, o texto encontrava-se no livro didático, denominado “Pausa”, na página 93. O docente fazia as perguntas e os alunos respondiam oralmente, depois de respondidas as questões, o professor parava para perguntar a quantidade de ações, ou seja, de verbos presentes em cada resposta, lembrando o conteúdo que estava sendo trabalhado durante toda a unidade. Ao invés de questionar quantos verbos tinha, seria preciso refletir sobre cada resposta dos alunos, relacionando com o conhecimento de mundo que cada um carrega consigo, assim a aprendizagem teria mais significado para a vida do educando, pois a partir da interação com o texto passariam a participar da produção do próprio conhecimento, tornando-se capazes de compreender o mundo à sua volta.

Em seguida, entregou uma atividade, na primeira questão encontrava-se um conto com as frases fora de ordem, para que os alunos escrevessem ordenadamente, depois de todas as frases organizadas deveriam escrever o conto, o professor durante esse momento tirava dúvidas sempre que os alunos perguntassem. Na sequência, fez a correção das frases no quadro, depois os educandos responderam algumas perguntas relacionadas ao texto trabalhado, o professor perguntava fazendo a interpretação e, os alunos respondiam oralmente, mas faltou uma reflexão mais aprofundada, em que fizesse relação do texto com as experiências de vida dos discentes, sempre lembrando sobre a quantidade de verbos presentes no texto. Depois da atividade corrigida, o professor pediu que os alunos criassem um pequeno conto, parecido com o anterior, contendo personagem, lugar, acontecimentos e conclusão, alguns educandos terminaram e fizeram a socialização, os outros levaram para concluir em casa.

Todas essas atividades descritas aconteceram em duas aulas, a maior parte do tempo foi dedicado para ensinar a gramática normativa em detrimento do texto, faltou a análise da língua promovendo a contextualização dos elementos, pois sabemos que para o ensino de

gramática acontecer de maneira funcional é fundamental ter como base o uso efetivo da língua que não deve ocorrer por meio de frases soltas, mas utilizando o texto como objeto de estudo. Antunes (2003) explica que,

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo e em cada uma de suas partes – sempre em função do todo) e para que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Ou seja, o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência, enfim. (ANTUNES, 2003, p. 110).

Em um mundo globalizado, onde as pessoas estão totalmente imersas no espaço da informatização e da mídia, já não faz mais sentido colocar os alunos para decorar as regras gramaticais, ensinando-as através de frases isoladas e fragmentadas. É preciso que a gramática seja ensinada a partir da compreensão do texto, onde o mesmo deverá ser o objeto de estudo, relacionando os conteúdos gramaticais aos gêneros oriundos dos meios de comunicação que circulam na sociedade contemporânea, adequando-os às realidades socioculturais dos alunos. Assim, ao utilizar estratégias como estas, torna-se possível promover o efetivo letramento dos educandos, preparando-os para o exercício pleno da cidadania, de forma a participar efetivamente da sociedade que está inserido.

Percebemos nas respostas dos professores e nas observações das práticas de letramento desenvolvidas, fica evidente que as habilidades de leitura e escrita não acontecem com sentido e significado, pois necessita ainda de um maior aprofundamento, é preciso que o docente questione os alunos, faça com que eles reflitam e interpretem, levando o diálogo para a sala de aula.

Perguntamos para os alunos **“De que maneira a leitura vem sendo trabalhada na sala de aula?”**

**Aluno F:** Vem sendo trabalhada por meio de textos e livros com diferentes gêneros textuais.

**Aluno G:** A leitura é estimulada pela professora, mas uma grande parte dos alunos não gostam de ler.

**Aluno H:** Não tem um desenvolvimento muito amplo, sendo utilizado de forma básica.

Na resposta do **aluno F**, como também nas observações, podemos perceber que a leitura vem sendo trabalhada através de uma diversidade de gêneros textuais, mas os mesmos ainda estão sendo utilizados para ensinar a gramática normativa, conforme a resposta do **aluno G**, embora a leitura seja estimulada, a maioria dos alunos não gostam de ler e, o **aluno H** complementa ao dizer que a mesma é utilizada ainda de forma básica, pois não ocorre de uma maneira mais aprofundada. Foi possível perceber também no decorrer das observações que os docentes não utilizam estratégias diferenciadas para cada texto trabalhado. Durante a pesquisa os professores comentaram que os gêneros textuais são escolhidos de acordo o propósito dos conteúdos, projetos e planos da unidade, adequando aos textos, certamente se os mesmos fossem selecionados a partir do gosto e, da faixa etária dos alunos, ocorreria uma maior interação entre o objeto de estudo, os educandos e o professor.

O ensino de língua materna não deve se limitar apenas ao conhecimento das regras da língua em uso, onde o aluno precisa assimilar para atingir habilidade na oralidade e na escrita, é preciso que o trabalho com o texto esteja voltado para a prática, dentro de um contexto social contemporâneo, pois o discente já possui certa familiaridade com a língua na sociedade a qual está inserido.

Marcuschi (2008, p. 115), afirma que “os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais”. Dessa forma, a língua é um processo de signos históricos e sociais, que permite ao indivíduo trazer sentido para o mundo e à realidade que o cerca. No entanto, é preciso compreender não apenas as palavras, como também as interpretações culturais e, a maneira como as pessoas enxergam o mundo a sua volta.

Fizemos a mesma pergunta para professores e alunos: **Dentro da discussão de Língua Portuguesa, há alguns elementos que a ela estão relacionados: Leitura verbal; Leitura não-verbal; Produção escrita; Produção oral; Análise Linguística/Gramática; Gêneros textuais. Quais desses elementos não tem conseguido obter êxito na aprendizagem? Comente os motivos.**

**Orquídea:** Gramática, pois os alunos possuem pouco domínio de conteúdo.

**Hortênsia:** Produção escrita. Devido a construção de discurso desenvolvido pelos estudantes.

**Camélia:** Produção escrita. A falta do hábito de leitura, indisciplina na sala de aula, falta perspectiva de futuro, déficit de atenção, imperatividade, problemas de relacionamento, comportamento do aluno dentro e fora da sala de aula.

**Aluno I:** Para mim, produção escrita, falta de leitura e de conhecimentos de algumas palavras.

**Aluno J:** A produção escrita, mas não por não saber como escrever, sim o que escrever, nessas horas a criatividade falta um pouquinho.

**Aluno K:** Gramática.

Podemos perceber que um dos professores relatou que dos elementos citados, os alunos não têm êxito no estudo da gramática, “pois possuem pouco domínio de conteúdo”, deixando a entender que quanto mais os educandos conhecerem e decorarem as regras gramaticais, mais sucesso obterão. Em nenhum momento os docentes demonstram entender a diferença entre gramática e análise linguística. Sabemos que o ensino da gramática normativa ocorre de forma descontextualizada e fragmentada, os conteúdos são trabalhados fora dos usos reais da língua. As questões são elaboradas apenas para que os alunos decorem as regras e saibam diferenciá-las, certamente essa metodologia não irá contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. O professor precisa ensinar a gramática baseada no ensino de análise linguística, pois o mesmo é voltado para a reflexão sobre os elementos e fenômenos linguísticos, como também sobre as estratégias discursivas, destacando os usos da linguagem. Assim, os alunos poderão tornar-se pessoas letradas, capazes de se expressarem criticamente em diferentes situações comunicativas. Os demais professores responderam que os educandos não apresentam um bom resultado na escrita, os mesmos comprovaram em suas respostas que os educadores têm razão, pois sentem mesmo dificuldade na hora de escrever por falta de leitura e de conhecimentos de algumas palavras e, também por faltar a criatividade, isso é reflexo do ensino baseado na gramática normativa, pois a mesma não dará vocabulário, ela precisa ser entendida no seu contexto de uso. Um dos alunos respondeu que sente dificuldade na gramática, se esta é baseada na memorização os

educandos, conseqüentemente não sentirão facilidade para aprender, decoram para responder a avaliação, depois esquecem. Portanto, fica evidente que se os professores continuarem ensinando a gramática descontextualizada, sem colocar os discentes para refletir e interpretar, os alunos não escreverão com proficiência.

Foi possível perceber durante as observações e, nas respostas dos professores e alunos, que em algumas atividades ocorrem a interação dos educandos com os diferentes suportes e gêneros textuais nas práticas de leitura e oralidade, em outras ainda precisa de um maior aprofundamento e reflexão em relação aos textos estudados, pois as metodologias desenvolvidas não contribuem para ampliar os níveis de letramento dos discentes.

No questionário, pedimos que os alunos “**destacassem o que há de melhor no ensino de Língua Portuguesa e quais as maiores dificuldades encontradas?**”

**Aluno A:** É aprender as classes gramaticais e o de maiores dificuldades às vezes de conjugar verbos.

**Aluno B:** Classes gramaticais, na minha opinião, no início tive muita dificuldade em classificar transitivo e intransitivo.

**Aluno C:** Para mim é a gramática, formação de frases, etc., é a produção escrita, eu sempre fico meia confusa nessa área.

**Aluno D:** A leitura, os textos é a maior dificuldade que há.

**Aluno E:** As variações de conteúdo, tenho um pouco de dificuldade com oração subordinada.

**Aluno F:** Ela tem um meio de mostrar um olhar que nem sempre a gente percebe, sendo complicado, pois é constituído de muitas regras.

**Aluno G:** Até hoje não encontrei o melhor da Língua Portuguesa, odeio Português.

Diante das respostas apresentadas pelos alunos, podemos perceber que alguns disseram que o que há de melhor no ensino de Língua Portuguesa é a gramática, mas as maiores dificuldades são “conjugar verbos”, “classificar verbos transitivos e intransitivos”, “oração subordinada”, citaram também que tem dificuldade na produção escrita e na leitura de textos; além de destacar que o ensino de Língua Portuguesa é muito complicado por ser

constituído de muitas regras, também chegaram a afirmar que odeiam Português. Podemos perceber que as aulas de língua materna se resumem na memorização das regras gramaticais, por esse motivo os alunos acabam achando as aulas chatas e cansativas, e dessa forma, não são capazes de ler criticamente e escrever textos com proficiência. Eles não são levados a leituras com objetivos diversos, embora todos digam que há diversidade de gêneros, mas não sabemos as estratégias.

Alguns pesquisadores como Mendonça (2006), propõe o ensino da gramática contextualizada a partir da “Análise Linguística, que surge como possibilidade didática para estruturar as práticas de leitura e escrita favorecendo uma reflexão sobre os fenômenos gramaticais, textuais e discursivos. Mendonça (2006) destaca que,

AL é a reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentidos e/ou para a compreensão mais ampla dos usos e do sistema linguístico, com o fim de contribuir para a formação de leitores – escritores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência. (MENDONÇA, 2006, p. 208)

O ensino baseado na análise linguística propõe uma leitura agradável, contextualizada, que atribua significado para a vida do aluno. A gramática não precisa desaparecer do ensino de Língua Portuguesa, mas ela necessita ser compreendida e não decorada, assim, para que essa compreensão ocorra é fundamental que ela esteja relacionada à leitura e a produção de textos, dessa forma, poderão aprender a língua refletindo sobre seus usos.

As práticas pedagógicas voltadas para esse tipo de ensino possibilitarão ao professor trabalhar com diversificadas estratégias de leitura e produção textual que, conseqüentemente, contribuirão para o desenvolvimento das práticas de letramento, uma vez que favorecerá o desenvolvimento da competência comunicativa do educando para expressar-se na sociedade como cidadãos pensantes e ativos, aprimorando o senso crítico e reflexivo, de modo que utilize o aprendizado dentro e fora do contexto escolar.

A leitura e a escrita precisam ser desenvolvidas por meio de práticas sociais, direcionadas para a reflexão crítica, onde os alunos sejam capazes de participar ativamente nas variadas situações de aprendizagem através da ação e interação, tornando-se sujeitos letrados, autônomos e preparados para atuar na sociedade. Nesse contexto perguntamos para os professores **“Qual a sua concepção de Letramentos?”**

**Hortênsia:** Incentivando a fazer poesia, produção de jornal escolar, letras de músicas. Atividades que requer leitura e produção de textos.

**Orquídea:** saber ler, escrever e interpretar

**Camélia:** É um ato de formação leitora e escritora completo, pois não concebe a leitura e a escrita como práticas estanques e mecânicas, desprovidas de sentido e sim de atividades significativas, capazes de possibilitar a interação do leitor com o texto e do escritor com palavras.

**Hortênsia** em sua resposta demonstrou desconhecer o verdadeiro significado do letramento, uma vez que este, é um instrumento tão importante para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e que, deveria ser bem conhecido pelos docentes. No entanto, no que se refere à concepção da professora, “incentivar a fazer poesia, produzir jornal escolar e letras de músicas, atividades que requerem leitura e produção de textos”, não garantem tornar os alunos letrados se essas atividades forem utilizadas simplesmente como decodificação dos sinais gráficos, sem levar os alunos a interpretar, refletir e utilizá-las em suas práticas sociais, muito além do contexto escolar.

Notamos que a formação inicial, adquirida nos cursos de licenciatura já não é mais suficiente e, para mudar as estruturas de ensino, faz-se necessário investir na formação continuada, assegurando-lhes condições que possibilitem atualizações frequentes e acesso às informações, pois em virtude das transformações sociais, culturais e tecnológicas, da velocidade em que as comunicações circulam na sociedade, a educação precisa passar por várias mudanças.

O professor como principal responsável por essa transformação precisa buscar novos conhecimentos através de cursos, palestras, congressos e até mesmo trocando experiências com outros profissionais. Pardal e Martins (2005, p. 38) compreendem a formação continuada como “um ato permanente, dinamizador da experiência profissional e da reflexão sobre a mesma [...]”. Nesse contexto, a formação continuada possibilita aos docentes repensar a sua prática, além de produzir novos conhecimentos, contribuindo para as transformações, que conseqüentemente, proporcionará um avanço significativo nas práticas pedagógicas.

**Orquídea** em sua concepção de letramento afirma que além de saber ler e escrever é preciso também interpretar. Nos dias atuais fala-se muito no termo letramento, pois o mesmo é muito mais do que decodificar os códigos convertendo letras em sons, mas é preciso também proporcionar condições do uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita. **Camélia** traz uma definição mais concreta, pois ela diz que o letramento é um ato de formação leitora e escritora completa, uma vez que, a leitura e a escrita não devem ser trabalhadas separadamente, além de relatar que as atividades devem ter sentido e significado para a vida do aluno, possibilitando a interação do leitor com o texto.

De acordo com Soares (2000, p. 39-40) “[...] o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, [...], responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita”. Neste sentido, letramento é adquirir informações por meio de diversos textos, é ler para seguir orientações, ou seja, é utilizar a leitura e a escrita em suas práticas sociais.

**Hortênsia** durante as aulas observadas estava trabalhando com figuras de linguagem, havia solicitado que os alunos em dupla, escolhessem em casa uma música e retirassem da mesma as figuras de linguagem encontradas e, depois apresentassem na sala. Apenas um grupo tinha feito a atividade e exibiram a música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga, em seguida falaram da metáfora, hipérbole, comparação, trazendo os seus significados. A professora chamou à atenção dos próximos grupos para que usassem a criatividade e apresentassem de forma mais criativa e dinâmica, convidando os demais alunos para cantarem, pois, a primeira dupla apenas leu a letra da música. Como os outros discentes não tinham levado o trabalho pronto, a professora fez uma revisão de todas as figuras, explicando de forma fragmentada, sem a utilização do texto e sem fazer nenhuma relação com a vivência dos alunos.

Em outra turma, fez as correções das músicas que os alunos tinham escolhido, mas ainda no rascunho, como também das figuras de linguagem e só na próxima aula o restante dos discentes apresentaram. No momento da socialização, algumas duplas cantaram, uns alunos ajudaram e outros apenas leram, não conseguiram cantar por conta da timidez. Era preciso discutir a função do texto, a temática, fazer reflexão dos pontos principais e mostrar como as figuras de linguagem foram importantes para que o texto tivesse aquela característica, pois sem ela a função seria outra. Percebemos que as músicas foram utilizadas como pretexto para ensinar as figuras de linguagem, faltou uma maior interação com o texto, pois o professor deveria ter explorado a letra da música, questionando os alunos, levando-os a interpretação e reflexão, uma vez que os gêneros textuais circulam socialmente e os alunos

estão em contato com os mesmos o tempo todo, certamente se o docente tivesse provocado, teria gerado uma discussão bastante produtiva.

Sabemos que para a aprendizagem tornar-se significativa não é suficiente simplesmente propiciar aos alunos diversos modelos de textos, é fundamental interpretar e refletir sobre os modos que são empregados cada um deles, respeitando o contexto que devem ser utilizados, como também de seus interlocutores. É necessário trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como instrumento dos mesmos. Ao ensinar a língua através de textos, é fundamental considerar que,

No tocante a ação pedagógica, disponibilizarem-se aos alunos modelos de textos não é o bastante, é preciso encaminhar uma reflexão maior sobre o uso de cada um deles, do mesmo modo, considerar o contexto de uso e os seus interlocutores [...] (MARCUSHI, 2005, p. 15).

É preciso que os textos tenham sentido e significado para a vida dos alunos, faz-se necessário que o docente mostre para os mesmos em qual circunstância ele será lido e em que contexto foi escrito. O educador deve agir como mediador e auxiliá-los a compreender qual a finalidade do texto, como também levá-los à produção escrita, tornando-se escritores competentes, de modo que desperte no interlocutor as reações esperadas por ele, o autor do texto, levando em consideração o público alvo. Dessa forma, os alunos participarão de práticas efetivas de letramento que contribuirão para o desenvolvimento do senso crítico, além de prepará-los para agir com autonomia, pensar e expressar-se fluentemente na sociedade letrada na qual estão inseridos.

Perguntamos para os alunos **“Você tem utilizado em seu cotidiano a aprendizagem obtida em sala de aula”?**

**Aluno L:** Sim. Por exemplo estou aprendendo os verbos imperativos, então quando eu falo, eu lembro o que a professora disse.

**Aluno M:** Mais ou menos, acontece na forma em como falamos, em como produzimos um texto, aprendendo a empregar as palavras de outra forma em nosso cotidiano.

**Aluno N:** Em partes sim, geralmente utilizo nas produções de textos que eu faço.

**Aluno O:** Sim, por exemplo na sala de aula aprendo a interpretar gêneros textuais corretamente, que leio fora da

sala de aula.

Ao perguntar aos educandos se eles utilizam no cotidiano a aprendizagem adquirida na sala de aula o **aluno L** respondeu que sim, pois aprendeu os verbos imperativos e quando fala lembra do que a professora disse ao explicar o conteúdo. Sabemos que aprender a gramática normativa, decorar regras não prepara ninguém para falar e escrever com proficiência, é preciso que o professor trabalhe com uma diversidade de gêneros textuais e reflita sobre as funcionalidades da língua, assim proporcionará o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e, os mesmos poderão utilizar o aprendizado para se expressar de forma autônoma no meio ao qual convive. O **aluno M** respondeu que utiliza mais ou menos o aprendizado, na forma como fala, quando produz um texto e também aprende a usar as palavras de outra forma no cotidiano. O **aluno N** relatou que em partes sim e, geralmente nas produções de textos, certamente esses textos a que ele se refere são utilizados para a escola, com a finalidade de ser avaliado pelo professor, para se atribuir uma nota. Seria interessante que esses textos fossem utilizados em suas práticas sociais. Já o **aluno O** disse que utiliza o aprendizado em sua vida diária, pois na escola ele aprende a interpretar textos e, também ler fora da sala de aula. Segundo Bazerman (2005, p. 106) “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”. Dessa forma o indivíduo vai adquirindo habilidade para participar ativamente dentro dos contextos discursivos que se inserem, passam a comunicar e entender melhor as situações comunicativas.

Achamos necessário perguntar também para os professores e alunos: **“De que maneira a escrita vem sendo trabalhada na sala de aula?”**

**Orquídea:** Através do incentivo de leituras.

**Camélia:** Trabalho na perspectiva dos gêneros textuais, ressaltando que a principal finalidade da escrita é a comunicação e, como cada ato comunicativo reveste de sua forma, tento convencer meus alunos de que eles precisam conhecer o máximo deles, ou seja, aprender sobre as

características dos gêneros textuais.

**Aluno A:** Vem sendo trabalhada através de interpretação de textos e, também os professores vem sempre nos trazendo algo voltado para a escrita.

**Aluno B:** De diversas maneiras, fazendo textos dissertativos, criando nossas próprias histórias.

**Aluno C:** Vem sendo trabalhada por meio de criações de diversos gêneros textuais e leitura pelo professor (em voz alta e silenciosa).

**Orquídea** relata que vem desenvolvendo a escrita por meio do incentivo de leituras, incentivar o aluno a ler é imprescindível, mas o mesmo só aprenderá a escrever escrevendo, o professor precisa desenvolver atividades de produção de texto relacionadas aos gêneros textuais que fazem parte do cotidiano dos educandos, para que eles utilizem a escrita em suas práticas sociais e percebam que a sua volta toda prática se dá dentro de um determinado gênero, concretizado nos textos que veiculam na sociedade contemporânea. **Camélia** em sua resposta mostrou que trabalha a escrita através dos gêneros textuais e, deixou a entender que os alunos precisam simplesmente conhecer as características dos mesmos. Sabemos que ao apresentar um gênero aos educandos, precisamos mostrar a sua estrutura e características, mas isso não é suficiente, é preciso saber a função do mesmo, onde deve ser utilizado, a principal finalidade de se trabalhar com um texto é levar o aluno a refletir, pensar e questionar. Marcuschi (2002), ressalta que,

[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais (MARCUSHI, 2002, p. 20).

Para especificar um texto em determinado gênero, faz-se necessário considerar diferentes perspectivas, como as funções comunicativas, a forma que se caracteriza pelos enfoques estruturais e linguísticos, a estrutura e o contexto em que é veiculado.

O **aluno A** relata que a produção textual vem sendo trabalhada através de interpretação de texto e sempre os professores levam algo relacionado à escrita. O **aluno B** destaca que a escrita é utilizada de diversas maneiras, produzindo textos dissertativos, criando suas próprias histórias. Na resposta do **aluno C**, ele diz que a escrita é trabalhada por meio de produções de variados gêneros textuais e da leitura feita pelo professor, como também da

leitura silenciosa. Pensando em promover o efetivo letramento dos alunos, em formar leitores e escritores proficientes é preciso que o docente trabalhe a produção textual a partir da diversidade dos gêneros, pois ao incluir esses textos nas práticas didáticas, os alunos são colocados em contato com gêneros textuais que são produzidos fora da escola e, conseqüentemente tornam-se preparados para usá-los de modo competente quando estiver em espaços sociais fora do contexto escolar. Geraldi (2006), afirma que o professor deve,

[...] integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor intérprete. (GERALDI, 2006, p. 19).

O ensino de língua materna tem como finalidade ampliar as possibilidades de utilização da língua, uma vez que, é de fundamental importância que as escolas trabalhem com os textos que fazem parte do contexto social dos educandos, assim eles já estão familiarizados com os mesmos e, sentirão mais facilidade para se expressar e interagir com o objeto de estudo, adquirindo habilidade para produzir seu próprio texto e empregá-lo no cotidiano, tornando-se apto para atuar ativamente na realidade em que vive.

Nas aulas observadas, **Camélia** explicou as orações subordinadas adverbiais, as mesmas foram explicadas através de palavras e frases isoladas, de forma descontextualizada. Em outra aula, a professora explicou os conteúdos que iriam cair na avaliação, sendo eles, “oração principal”, “oração coordenada” e “oração subordinada”, também sem relacionar com nenhum texto. Depois entregou para os alunos uma atividade na folha com questões relacionadas ao gênero “anúncio” e “história em quadrinho”, e outras perguntas sobre orações adverbiais e oração principal. Já no final, fez a correção das atividades sobre orações subordinadas, dentro do gênero “tirinha” encontrada no livro didático. A professora relatou que as avaliações são baseadas nas atividades trabalhadas durante a unidade, as mesmas apresentam algumas questões de gramática e poucas sobre interpretação de texto.

Nas atividades propostas, as perguntas de interpretação foram poucas, algumas ainda não eram subjetivas, contendo questões para marcar a opção correta. Mesmo assim, os alunos sentiram mais facilidade para responder as questões relacionadas a gramática, a educadora, ressaltou que há essa deficiência em todas as turmas. Comentou também que não dá tempo utilizar muitos textos nas aulas de Língua Portuguesa, por conta dos conteúdos de gramática, e que os textos são trabalhados com os alunos na disciplina de Editoração. Ambas as matérias mencionadas fazem parte da mesma área, uma vez que precisam dialogarem entre si,

ocorrendo a interdisciplinaridade, não é porque a disciplina de Editoração já trabalha com textos que as aulas de Língua Portuguesa devam se limitar ao ensino da gramática descontextualizada, é preciso utilizar uma diversidade de gêneros textuais, pois ao entender o sentido do texto, o aluno também compreende o emprego efetivo das regras gramaticais.

Durante as aulas observadas não foi trabalhada nenhuma produção textual a partir dos gêneros estudados, pois a prioridade estava nas questões gramaticais, através de regras, em que os alunos precisariam decorar para compreender. Geraldi (1997), sugere o trabalho com análise linguística e, essa análise deve ser feita a partir dos textos produzidos pelos alunos e não através de frases soltas e descontextualizadas, assim o ensino da língua torna-se mais produtivo e significativo. O autor compreende o trabalho com leitura, com a escrita e com a análise linguística como processos complementares, e indica essa articulação como ponto de partida para alcançar a competência linguística.

Apesar de a escrita assumir um papel importante, no contexto atual encontra-se uma grande quantidade de alunos com dificuldade para elaborar textos com proficiência.

Através dos questionários e das observações que foram feitas durante as aulas, nos foi permitido perceber que os professores das séries finais do Ensino Fundamental II, do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, trabalham a leitura e a escrita por meio de uma diversidade de gêneros textuais, mas os mesmos ainda são utilizados como pretexto para ensinar a gramática normativa, sem levar em consideração a construção dos sentidos do texto. Diante disso, faz-se necessário a formação continuada na profissão docente, pois sabemos que a aprendizagem é um processo contínuo e inacabado que sempre precisa de constantes atualizações. O professor precisa participar de cursos, palestras, congressos voltados para a educação, a partir daí ele passará a refletir sobre suas práticas pedagógicas, além de conhecer novas metodologias, buscando aperfeiçoamentos e inovações frente às mudanças no campo educacional.

Durante esse estudo chegamos à conclusão que um dos maiores desafios que a escola contemporânea precisa enfrentar é proporcionar condições ao sujeito de participar efetivamente de práticas de letramento, direcioná-lo para a formação do cidadão participativo, consciente de seu papel na sociedade, de modo que responda às exigências para inserir-se no mundo letrado.

Para que a aprendizagem se torne significativa e prazerosa é preciso que a leitura e a escrita não fiquem limitadas a decifração dos sinais gráficos, pois ambas as habilidades exigem do aluno uma participação ativa, possibilitando a produção de sentido e a elaboração do próprio conhecimento. Sabemos que a leitura é um processo interativo e, para que ocorra

uma melhor compreensão é fundamental valorizar o conhecimento de mundo que o aluno já possui, assim os conhecimentos prévios poderão ser articulados com aqueles que serão adquiridos, facilitando o processo ensino aprendizagem, além de ampliar os níveis de letramento dos alunos.

Sugerimos que os professores trabalhem com a nova proposta do ensino de língua materna baseada na análise linguística, pois, a mesma propõe uma leitura profunda e contextualizada, onde os conteúdos gramaticais possam estar relacionados à leitura e à produção escrita, adaptando-se às normas e aos objetivos comunicativos. Dessa forma, através da reflexão gramatical, os alunos poderão adquirir os conhecimentos linguísticos necessários, como também ter acesso a informação e, assim, possam desempenhar uma efetiva participação social, tornando-se cidadãos letrados, críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos e deveres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as práticas de letramento das séries finais do Ensino Fundamental II do Instituto Educacional São Francisco de Assis – IESFA, na cidade de Várzea do Poço, situada no interior da Bahia. Para a compreensão desse estudo, foi imprescindível um embasamento teórico que nos favorecesse um melhor conhecimento sobre o termo letramento, como também entender os principais elementos e metodologias que contribuem para tornar os sujeitos letrados, capazes de se expressarem e exporem seus pontos de vista, mediante as discussões que circulam na sociedade.

Sabemos que o ensino de língua materna tem sido aplicado durante muito tempo a partir de métodos tradicionais. Com o passar dos anos alguns pesquisadores perceberam a necessidade de inovar as práticas pedagógicas, através da interação social, onde o professor passasse a ser o mediador do processo de ensino aprendizagem. Com referência de grandes estudiosos da área, compreendemos que a leitura e a escrita não devem ser utilizadas de forma mecânica, através da decodificação, essas duas habilidades requerem muito mais que isso. É preciso relacioná-las aos contextos sociais, as vivências de mundo, a partir de textos que estão espalhados na sociedade, onde os alunos convivem com os mesmos e, possam participar ativamente das discussões por meio da interação com o objeto de estudo, com o professor e os colegas.

Este trabalho permitiu obter uma série de dados que nos fizeram compreender a dinâmica de uma sala de aula, como também as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores. Foi por meio dessa pesquisa que conseguimos entrar em contato com a realidade escolar, onde foi possível perceber que as maiores dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas à interpretação e produção textual, talvez por fatores relacionados as metodologias mecânicas e fragmentadas que foram utilizadas desde a Educação Infantil que, conseqüentemente, dificultam a competência leitora e escritora dos discentes. Levando em consideração as exposições feitas, certificamos através das respostas dos alunos que os mesmos reconhecem a importância da leitura e escrita para a formação do indivíduo, mas mesmo assim, muitos afirmaram que só tem contato com os livros na escola, ou seja, não costumam ler em casa. Sabemos que essas duas habilidades são direcionadas ao letramento social e, o uso dessas práticas favorecem o indivíduo a participar de diversas situações comunicativas.

Esta pesquisa nos permitiu perceber que os professores utilizam alguns gêneros textuais, como contos, música, charge, tirinha, porém os mesmos ainda são trabalhados de

forma superficial, pois os professores acreditam que se for fazer uma reflexão mais ampla sobre o texto lido, o tempo para ensinar os conteúdos da gramática normativa fica reduzido. Um dos educadores ressaltou que prefere trabalhar com textos pequenos e, que não dá tempo usar uma variedade, pois a disciplina de Editoração se encarrega de levar esse suporte para os alunos. Os textos mesmo pequenos devem ser explorados em seu todo e com profundidade, é preciso levar os alunos a lerem até mesmo o que não está explícito, ou seja, ler nas entrelinhas. A disciplina de Editoração é da mesma área de Língua Portuguesa e, no entanto, não ocorre um diálogo entre elas, é preciso trabalhar a interdisciplinaridade, não é porque uma utiliza textos que a outra não precisa explorar uma diversidade de gêneros atuais, principalmente quando se trata do ensino de língua materna, em que é preciso integrar os conteúdos gramaticais ao texto para que a aprendizagem se torne mais significativa. Durante as observações foi possível perceber que os conhecimentos prévios dos educandos não são valorizados durante as discussões, sabemos que se as metodologias forem baseadas nas vivências dos mesmos, maior é a possibilidade de que essa aprendizagem seja pautada no letramento.

Durante o estudo em que investigamos as práticas de leitura e escrita, percebemos que essas duas habilidades algumas vezes não acontecem com sentido e significado, pois necessita ainda de um maior aprofundamento, é preciso que o docente questione os alunos, faça com que eles reflitam e interpretem, levando o diálogo para a sala de aula.

A realização deste trabalho contribuiu bastante para que refletíssemos sobre a realidade encontrada no cenário educacional, como também sobre a importância de trabalhar a leitura e escrita na perspectiva do letramento, ou seja, como prática transformadora, em que os alunos possam interagir e, se prepararem para atuar de forma autônoma não só na escola, mas também no trabalho e na vida.

A maioria das escolas ainda colocam os alunos sentados enfileirados, de frente para o quadro, seguindo o modelo tradicional, deixando a entender que o professor é o único detentor do saber, mas, durante este estudo, em todas as turmas pesquisadas encontramos um aspecto de grande relevância para o processo ensino-aprendizagem, as cadeiras encontravam-se organizadas sempre em círculo, possibilitando que os estudantes trocassem informações, se sentissem à vontade para expressar suas ideias, o que pelas teorias pedagógicas modernas, é a forma mais adequada, levando em consideração a interação entre professor e alunos. Os discentes participavam das aulas, questionavam quando não conseguiam compreender o conteúdo, trocavam informações com os professores, mas demonstravam sentir dificuldade quando se tratava dos assuntos de gramática.

Diante das dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação aos conteúdos de gramática, os professores insistem em focar ainda mais no ensino das regras gramaticais de forma fragmentada e mecânica, pois acham que utilizando frases soltas os alunos terão mais facilidade para aprender. Esse tipo de ensino tradicional voltado para a aplicação de métodos completamente teóricos não tem nenhum significado para os alunos, uma vez que não contribui para a vida prática dos mesmos, como também para a formação de sujeitos letrados, críticos e reflexivos. Sugerimos que os docentes utilizem em suas aulas, práticas de análise linguística, pois nesse tipo de ensino o estudo dos conteúdos gramaticais é baseado nos gêneros textuais que circulam socialmente, o aluno é conduzido a uma reflexão sobre a função dos recursos linguísticos empregados nos textos, o que possibilitará o desenvolvimento da sua competência comunicativa, proporcionando uma plena participação enquanto cidadão, nas atividades exigidas pela sociedade.

Esse estudo também nos revelou que, mesmo diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas, ainda existem professores que não se apropriam de uma base sólida ao conceituar letramento, esse instrumento tão relevante para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. E aqueles que demonstraram conhecer o verdadeiro significado do letramento, ainda não conseguem colocá-lo em prática, ficando apenas na teoria.

Com a globalização e os avanços das novas tecnologias ocorreram grandes mudanças na sociedade e, conseqüentemente no âmbito educacional, dessa forma, podemos perceber que há uma grande necessidade de atualização constante de informações e busca de novos conhecimentos através da formação continuada, pois esta é uma ferramenta muito importante para auxiliar o professor em seu trabalho docente, possibilitando a reflexão sobre sua prática pedagógica, como também o conhecimento de novas metodologias.

O que se espera é uma formação continuada que proporcione ao profissional docente tornar-se pesquisador, reflexivo e dinâmico, que busque inovar suas práticas, pensando em uma educação emancipadora, que leve o diálogo e o questionamento para a sala de aula, com a finalidade de formar sujeitos letrados, autônomos, críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Apesar de trabalharem alguns textos nas aulas, os mesmos não recebem uma devida atenção no cenário das turmas pesquisadas. Os docentes precisam preparar os educandos para tornarem-se leitores e escritores proficientes, mas para isso é preciso não apenas codificar e decodificar aspectos linguísticos do texto verbal, mas também saber interpretar, refletir, ler as entrelinhas do texto. Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, não basta que os professores disponibilizem aos alunos modelos de textos, é preciso que mostrem as

características inerentes a cada gênero, as suas funções, como, onde e quando os mesmos devem ser usados, ou seja, é necessário refletir sobre as formas de utilização de cada um considerando seu contexto de uso e de seus interlocutores.

Diante das considerações mencionadas nesta pesquisa, acreditamos que a escola tem o dever de utilizar a leitura e a escrita para desenvolver capacidades e competências para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania, estimulando reflexões e ações, de modo que os alunos utilizem os conhecimentos adquiridos muito além do contexto escolar.

A aprendizagem não é feita de certezas, mas de inquietações, de crises e dúvidas que nos levam às novas descobertas. Novos estudos surgirão a partir desta pesquisa, uma vez que a formação docente continuada é fundamental para garantir que os alunos tenham acesso a uma aprendizagem de base sólida que gere autonomia e proficiência. O estudo do tema sobre práticas de letramento é indispensável a todo profissional da educação, é essencial que os professores adquiram conhecimentos como esses, principalmente quando se busca meios que contribuam para favorecer um ensino significativo e dinâmico, em relação a leitura e produção escrita nas escolas públicas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Refletindo sobre a prática da aula de Português**. In: Aula de Português - encontro & interação. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 19 – 37.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTON, D. HAMILTON, H. **Local literacies: Reading and writing in one community**. London: Routledge, 1998, 299p.

\_\_\_\_\_. Literacy; an introduction to ecology of written language. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

BRANDÃO, Helena N. **O leitor: co-enunciador do texto**. In: Polifonia. Nº 1, Cuiabá: Editora da UFMT, 1994, pp. 85-90.

\_\_\_\_\_. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Renovações metodológicas. In: DIONÍSIO, Ângela P. Machado, Anan Raquel. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232 p.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – Ciências 1997. Brasília: 1997.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramento e inclusão: do estado – nação à era das TIC**. Delta, vol. 25, nº 1, São Paulo, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

D'ÁVILA, C. M. Universidade e formação de professores: qual o peso da formação inicial sobre a construção da identidade profissional docente? In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores. [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Di NUCCI, Eliane P. **Práticas de letramento de alunos do Ensino Médio: Um estudo descritivo**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FREIRE, Crizeide Miranda. **A outra margem: a relação dos programas de alfabetização com o processo de letramento dos Pescadores e pescadoras de Xique-Xique**. Salvador, 2013.

FREIRE, Paulo. **Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe**. In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, C. (Org.). A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 43<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

\_\_\_\_\_. **Portos de Passagem**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIVEN, I. M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. v. 1 e 2. Califórnia, SAGE Publications, 2008.

GOOD, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional, 1973.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 4, p. 65-71, 1995.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação contínua, estatuto da prática e estágio na formação de educadores**. Formação de professores na Educação Infantil. São Paulo, Cortez, 2009.

GUIMARÃES, J. A. **Regulamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência**. Portaria nº 096, 2013.

HEATH, S. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J.: Ablex, 1982, p. 91-117.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10<sup>a</sup> ed. Campinas – São Paulo: 2000.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos** / Sílvia M. Gasparian Colello: Valéria Amorim Arantes (org.). – São Paulo: Summus, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

\_\_\_\_\_. **Adeus professor, adeus professora? – novas exigências educacionais e profissão docente**. 13 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gênero: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P. MACHADO, Anna R., BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. *Novos gêneros e velhas bases*. In: DIONÍSIO, Ângela P. Machado, Anna R. BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232p.

\_\_\_\_\_. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. In: XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise dos gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola 2008.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, P. L. O. *A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista*. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996. (p. 77-104).

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto**. In: BUZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MENEGOLLA e SANT'ANNA, Maximiliano e Ilza Martins. **Porque planejar? Como planejar?** Currículo e Área – Aula 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.

MEC/SEF – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997, volumes 1 e 2.

MINAYO, M<sup>a</sup> C. S. **Pesquisa social: teoria, método criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. *O processo de pesquisa: iniciação*. 2, Ed. Brasília: Líber Livro, 2006. 122 p. – (Série Pesquisa, v. 2).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento** – São Paulo: UNESP, 2004.

NÓVOA, Antônio. *Formação de professores e formação docente*. In: **Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo, Pioneira, 1997.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa** Abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1996.

PARDAL, Luís Antônio; MARTINS, Antônio Maria. **Formação contínua de professores: concepções, processos e dinâmica profissional.** Psicologia da Educação. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 103-117, jan./jun. 2005.

PEREIRA, L. L. S & MARTINS, Z. I. Oliveira. A identidade e a crise do profissional. In: **Profissão professor: identidade e profissionalização docente.** Brasília: Plano Editora, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior.** Vol. I. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela. **A análise de necessidades na formação de professores.** Porto Editora, 1993.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Celina R. dos. O PIBID como prática emancipatória: experiências de formação docente. In: RIOS, Jane Adriana V. P. (Org.). **Políticas, práticas e formação na educação básica** / Salvador: EDUFBA, 2015. 324 p.

SANTOS, Lucíola de Castro P. Formação de professores e saberes docentes. In: NETO, Alexandre Shigunov, MACIEL Lizete Shizue B. (Org.) **Reflexões sobre a formação de professores** / Campinas, SP: Papirus, 2002.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. Ed. 9 reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 128p.

\_\_\_\_\_. **Letramento e escolarização.** In: RIBEIRO, V.M. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003, p. 89-114.

\_\_\_\_\_. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura,** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez/2002.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

STREET, B. V. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education,** Londres, 5 (2): May 2003.

TARDIF, Maurice; RAAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educação e Sociedade, Campinas / SP, n. 73, p. 115-166. Dez. 2000.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.



**APÊNDICES****APÊNDICE A**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS**

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_  
brasileiro (a), maior, portador (a) do RG nº \_\_\_\_\_, residente e  
domiciliado (a) na Rua \_\_\_\_\_, Cidade  
\_\_\_\_\_ Estado: Bahia, declaro para os devidos fins que, cedo os direitos de  
áudio, imagens, textos, questionários e dados fornecidos por mim ou pelo Instituto  
Educativo São Francisco de Assis – IESFA, acerca do aluno  
\_\_\_\_\_, sendo eu o (a) responsável  
pelo (a) mesmo (a). Dados estes concedidos em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017, às  
alunas Elizângela Silva Barros Rios e Patrícia Ferreira dos Santos, do curso de Letras  
Vernáculas, como trabalho do componente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), solicitado  
pela professora Crizeide Miranda Freire, docente do DCH – CAMPUS IV - Jacobina, sobre  
“PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES FINAIS DO INSTITUTO  
EDUCACIONAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS – IESFA”, para usá-la integralmente ou em  
partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o  
uso de terceiros, que podem ouvi-la e usar o texto final que está sob a guarda da referida  
professora.

Várzea do Poço, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura

**APÊNDICE B**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH - CAMPUS IV  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS**

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_ brasileiro(a), maior, portador(a) do RG nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliado (a) na Rua \_\_\_\_\_, Cidade \_\_\_\_\_, Estado: Bahia, declaro para os devidos fins que, cedo os direitos de minha entrevista (áudio e imagem), concedida em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_, às alunas Elizângela Silva Barros Rios e Patrícia Ferreira dos Santos, do curso de Letras Vernáculas, como trabalho do componente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), solicitado pela professora Crizeide Miranda Freire, docente do DCH – CAMPUS IV – Jacobina, sobre, “PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, DO INSTITUTO EDUCACIONAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS – IESFA”, para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros, que podem ouvi-la e usar o texto final que está sob a guarda da referida professora.

Várzea do Poço, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura

**APÊNDICE C****QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE**

Escola \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Série/Ano (s) com a/o qual trabalha: ( ) 8º ano ( ) 9º ano

**Grau de Escolarização**

( ) Ensino Médio (2º grau). Qual? \_\_\_\_\_

( ) Graduação. Qual? \_\_\_\_\_

( ) Pós-Graduação. Qual? \_\_\_\_\_

Ano em que terminou o último curso de formação docente (Magistério ou Licenciatura):

\_\_\_\_\_

**Experiência Docente**

Tempo de experiência docente: \_\_\_\_\_

Tempo de experiência nesta Unidade de Ensino: \_\_\_\_\_

Tempo de experiência na docência da Disciplina de Língua Portuguesa: \_\_\_\_\_

1. Qual a importância que a leitura tem para a aprendizagem dos seus alunos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Qual a importância que a escrita tem para a aprendizagem dos seus alunos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Como você vem desenvolvendo a leitura em sala de aula?

---

---

---

4. Como você vem desenvolvendo a escrita em sala de aula?

---

---

---

5. Qual a sua concepção de Letramento (s)?

---

---

---

6. Como você concebe o Ensino de Língua Portuguesa?

---

---

---

7. Dentro da discussão de Língua Portuguesa, há alguns elementos que a ela estão relacionados: Leitura verbal; Leitura não-verbal; Produção escrita; Produção oral; Análise Linguística / Gramática; Gêneros textuais.

a) Qual desses elementos tem tido melhor êxito durante as aulas? Quais fatores você atribui a esse resultado?

---

---

---

b) E quais desses elementos não tem conseguido obter maiores êxitos? Comente os motivos:

---

---

---

8. Seus alunos têm contato com uma variedade de livros?

---

---

---

9. Quais tipos de textos são trabalhados com os alunos?

---

---

---

10. Quais os maiores desafios que o professor enfrenta na aplicação da leitura e escrita em sala de aula?

---

---

---

11. Quando os alunos se recusam a realizar as leituras propostas, o que você faz para favorecer o ato de ler? Justifique.

---

---

---

12. O conhecimento prévio dos alunos ocupa lugar importante na construção de novas aprendizagens?

---

---

---

13. Quais gêneros textuais são trabalhados em sala de aula?

---

---

---

14. Descreva como é sua proposta de trabalho com gêneros em sala de aula.

---

---

---

15. Como é feita a escolha dos textos para leitura?

---

---

---

16. Quais as produções mais requisitadas?

---

---

---

17. Os alunos apresentam mais dificuldades na leitura ou na produção? E o que se atribui a esse fato? Justifique.

---

---

---

**APÊNDICE D****QUESTIONÁRIO PARA O DISCENTE**

Escola \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Série/Ano em que estuda: ( ) 8º ano ( ) 9º ano

1. Qual a importância que a leitura tem para a sua aprendizagem?

---

---

---

2. Qual a importância que a escrita tem para a sua aprendizagem?

---

---

---

3. De que maneira a leitura vem sendo trabalhada na sala de aula?

---

---

---

4. De que maneira a escrita vem sendo trabalhada na sala de aula?

---

---

---

5. Destaque o que há de melhor no ensino de Língua Portuguesa? E quais as maiores dificuldades encontradas?

---

---

---

6. Dentro da discussão de Língua Portuguesa há alguns elementos que a ela estão relacionados: Leitura verbal; Leitura não-verbal; Produção escrita; Produção oral; Análise Linguística / Gramática; Gêneros textuais.

- a) Qual desses elementos você tem tido melhor êxito durante as aulas? Quais fatores você atribui a esse resultado?

---

---

---

- b) Dos elementos de Língua Portuguesa destacados acima, quais não tem conseguido obter êxito na aprendizagem? Comente os motivos:

---

---

---

7. Você tem utilizado em seu cotidiano a aprendizagem obtida em sala de aula? De que maneira isso acontece?

---

---

---

8. Quantos livros você tem lido em média durante o semestre? Sobre quais temáticas?

---

---

---

9. Você gostaria de ler mais? Justifique.

---

---

---

10. Qual é a sua preferência de leitura, ou seja, de livros e textos?

---

---

---

11. Você tem livros em casa ou só tem contato com eles na escola?

---

---

---

12. Quais os fatores necessários para fazer da leitura um momento prazeroso e de compreensão? Justifique.

---

---

---

13. Qual a importância que a escrita tem para a sua aprendizagem?

---

---

---

14. De que maneira a leitura vem sendo trabalhada na sala de aula?

---

---

---

15. De que maneira a escrita vem sendo trabalhada na sala de aula?

---

---

---

16. Destaque o que há de melhor no ensino de Língua Portuguesa? E quais as maiores dificuldades encontradas?

---

---

---

17. Dentro da discussão de Língua Portuguesa há alguns elementos que a ela estão relacionados: Leitura verbal; Leitura não-verbal; Produção escrita; Produção oral; Análise Linguística / Gramática; Gêneros textuais.

a) Qual desses elementos você tem tido melhor êxito durante as aulas? Quais fatores você atribui a esse resultado?

---

---

---

b) Dos elementos de Língua Portuguesa destacados acima, quais não tem conseguido obter êxito na aprendizagem? Comente os motivos:

---

---

---

c) Você tem utilizado em seu cotidiano a aprendizagem obtida em sala de aula? De que maneira isso acontece?

---

---

---

d) Quantos livros você tem lido em média durante o semestre? Sobre quais temáticas?

---

---

---

e) Você gostaria de ler mais? Justifique.

---

---

---

f) Qual é a sua preferência de leitura, ou seja, de livros e textos?

---

---

---

g) Você tem livros em casa ou só tem contato com eles na escola?

---

---

---

h) Quais os fatores necessários para fazer da leitura um momento prazeroso e de compreensão? Justifique.

---

---

---